

PAULO WOLF FILHO

GERENCIAMENTO DE RISCOS EM ESTÁDIO DE FUTEBOL

Monografia apresentada ao Curso MBA em Gerenciamento de Riscos, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2003

Como pode ser bárbaro um povo que tem
como maior abstração de triunfo o grito do
gol?

Carlos Drumond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos às pessoas que auxiliaram e colaboraram na viabilização deste trabalho, entre outros o professor José Amaro dos Santos, coordenador do M. B. A., o presidente do Clube Atlético Paranaense, Dr. Mário Celso Petráglio, e o engenheiro responsável pelo estádio da Arena da Baixada, engenheiro Marco Antonio Tyrca.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
1 INTRODUÇÃO	2
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	4
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	4
2.2 CONCEITOS DE RISCO.....	5
2.3 O PROCESSO DE GERENCIAR RISCOS.....	8
2.4 CLASSIFICAÇÃO DOS RISCOS.....	9
2.4.1 Riscos Conjuntos e Riscos Isolados	9
2.4.2 Riscos Puros e Riscos Especulativos.....	9
2.4.3 Riscos Financeiros e não Financeiros.....	11
2.4.4 Riscos Dinâmicos e Riscos Estáticos	11
2.4.5 Riscos Fundamentais e Riscos Particulares.....	11
2.4.6 Identificação de Riscos.....	12
2.5 PERDAS, EXPOSIÇÕES A RISCO E GERENCIAMENTOS DE RISCO.....	13
2.6 O ÔNUS DO RISCO E OS MÉTODOS PARA EVITÁ-LO.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
3.1 EM RELAÇÃO À FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	15
3.3 DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO, ANÁLISE E RELATÓRIO.....	16
4 DESCRIÇÃO DO ESTÁDIO DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO	
PARANAENSE.....	18
4.1 A ARENA DA BAIXADA	18
4.2 APRESENTAÇÃO.....	22
4.2.1 Segurança	22
4.2.2 Comodidade.....	23
4.2.3 Comunicação com o Público Fora e Dentro do Estádio.....	24
4.2.3.1 Sinalização nos Bilhetes de Entrada (Ingressos) e Dentro do Estádio	24
4.2.3.2 Sistema de Comunicação ao Público.....	25
4.2.3.3 Placas Eletrônicas e Telas de Vídeo.....	25
4.2.3.4 Telefones Públicos.....	25
4.2.4 Placas Publicitárias ao Redor do Terreno de Jogo	25
4.2.5 Exclusão dos Expectadores da Zona de Jogo	26

4.2.5.1 Para os Atletas ou Protagonistas do Espetáculo	27
4.2.5.2 Para os Espectadores	28
4.2.6 Acesso dos Jogadores e Oficiais da Partida aos Vestiários	29
4.2.7 Salas Adicionais	30
4.2.8 Acesso ao Terreno de Jogo pelos Vestiários	30
4.2.9 Áreas Vips (Tribuna de Honra)	31
4.2.10 Ingressos e Saídas do Público.....	32
4.2.11 Áreas do Público.....	34
4.2.11.1 Setores	34
4.2.11.2 Segurança	35
4.2.11.3 Utilidades:.....	36
4.2.12 Estacionamentos	37
4.2.12.1 Polícia, Bombeiros, Serviços de Emergência e Expectadores Incapazes.....	37
4.2.12.2 Equipes, Árbitros e Funcionários Oficiais.....	38
4.2.12.3 Celebidades (Vip).....	38
4.2.12.4 Meios Informativos (imprensa).	38
4.2.12.5 Pessoal de Serviços do Estádio.....	39
4.2.12.6 Público Geral	39
4.2.13 Comunicação	39
4.2.14 Sistema de Circuito Interno de Televisão.....	40
4.2.15 Posto de Controle do Estádio e Outras Instalações	40
4.2.16 Vendas de Ingressos	41
4.2.17 Prevenção de Incêndios	42
4.2.18 Estruturas de Segurança Construtiva.....	43
4.2.19 Salas de Primeiros Socorros ao Público	43
4.2.20 Pessoal Disponível.....	44
4.2.20.1 Próprio.	44
4.2.20.2 Terceirizados	44
4.3 O SUBSTITUTIVO AO PL Nº 7.262, DE 2002 PARA PROTEGER O TORCEDOR NO ESTÁDIO	45
5 ANÁLISE DETALHADA DO ASSUNTO ESTUDADO.....	51
5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS RISCOS NO ESTÁDIO DE FUTEBOL	51
5.1.1 Riscos de Incêndio.....	51

5.1.2	Risco de Explosão	52
5.1.3	Risco de Impacto de Veículo.....	53
5.1.4	Risco de Queda de Aeronave	53
5.1.5	Risco de Danos Elétricos.....	54
5.1.6	Risco de Equipamentos Eletrônicos	54
5.1.7	Risco de Tumultos.....	54
5.1.8	Risco de Vidros	54
5.1.10	Risco de Roubo de Valores	55
5.1.11	Risco de Desmoronamento.....	55
5.1.12	Risco de Quebra de Máquinas.....	55
5.1.13	Risco de Vazamento de Tubulações.....	55
5.1.14	Riscos da Natureza	55
5.1.14.1	Risco de Alagamento.....	55
5.1.14.2	Risco de Vendaval.....	56
5.1.14.3	Risco de Granizo	56
5.1.14.4	Risco de Raio.....	56
5.1.14.5	Risco de Terremoto	57
5.1.15	Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis	57
5.1.16	Risco de Acidentes Pessoais.....	57
5.1.17	Responsabilidade Civil.....	58
5.2	AVALIAÇÃO DOS RISCOS	59
5.2.1	Risco de Incêndio	60
5.2.2	Risco de Explosão	61
5.2.3	Risco de Impacto de Veículo.....	62
5.2.4	Risco de Queda de Aeronave	63
5.2.5	Risco de Danos Elétricos.....	64
5.2.6	Risco de Equipamento Eletrônico	65
5.2.7	Risco de Tumultos.....	66
5.2.8	Risco de Vidros	67
5.2.9	Risco de Roubo.....	68
5.2.10	Risco de Valores.....	69
5.2.11	Risco de Desmoronamento.....	70
5.2.12	Risco de Quebra de Máquinas.....	71

5.2.13	Risco de Vazamento de Tubulações.....	72
5.2.14	Riscos da Natureza	73
5.2.14.1	Risco de Alagamento.....	73
5.2.14.2	Risco de Vendaval.....	74
5.2.14.3	Risco de Granizo	75
5.2.14.4	Risco de Raio.....	76
5.2.15	Risco de Terremoto	77
5.2.16	Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis	78
5.2.17	Risco de Acidentes Pessoais.....	79
5.2.18	Responsabilidade Civil.....	80
5.3	TRATAMENTO.....	81
5.3.1	Prevenção	81
5.3.1.1	Evitar os Riscos	81
5.3.1.2	Redução	83
5.3.1.2.1	Risco de Incêndio	85
5.3.1.2.2	Risco de Explosão	85
5.3.1.2.3	Risco de Impacto de Veículos	85
5.3.1.2.4	Risco de Queda de Aeronave	86
5.3.1.2.5	Risco de Danos Elétricos.....	86
5.3.1.2.6	Risco de Equipamento Eletrônico	86
5.3.1.2.7	Risco de Tumultos.....	86
5.3.1.2.8	Riscos de Vidros.....	88
5.3.1.2.9	Risco de Roubo.....	88
5.3.1.2.10	Risco de Valores.....	88
5.3.1.2.11	Risco de desmoronamento.....	88
5.3.1.2.12	Risco de Quebra de Máquina	89
5.3.1.2.13	Risco de Vazamento de Tubulações.....	89
5.3.1.2.14	Risco de Alagamento.....	89
5.3.1.2.15	Vendaval/Ventos Fortes	90
5.3.1.2.16	Granizo	90
5.3.1.2.17	Risco de Raio.....	90
5.3.1.2.18	Risco de Terremoto	90
5.3.1.2.19	Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis	91

5.3.1.2.20 Risco de Acidentes Pessoais.....	91
5.3.1.2.21 Risco de Responsabilidade Civil.....	93
5.3.2 Financiamento de Risco	93
5.3.2.1 Retenção de Riscos.....	93
5.3.2.1.1 Auto-adoção	94
5.3.2.1.2 Auto-seguro	96
5.3.2.2 Transferência do Risco	99
5.3.2.2.1 Sem Seguro.....	99
5.3.2.2.2 Seguro.....	100
6 CONCLUSÕES.....	104
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	108

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de contribuir com o gerenciamento de riscos do estádio do Clube Atlético Paranaense, visando a redução dos riscos em relação a segurança. Aborda, primeiramente, os fundamentos teóricos enfatizados por VAUGHAN, ELLIOT, HOPE, CICCO e FANTAZZINI, especialmente sobre os conceitos de gerenciamento de riscos. Na metodologia, explicita-se a abordagem do estudo por meio da técnica do estudo de caso, com base em GULBACOV e SEVERINO. Realiza-se a descrição do estádio de futebol do Clube Atlético Paranaense e sua apresentação, abrangendo espaço, materiais, estrutura, pessoas e segurança, entre outros, e se discorre sobre o Substitutivo ao PI n. 7.262, de 2002 para proteger o torcedor no Estádio. Prossegue-se com uma análise detalhada do assunto estudado, identificando-se, no estádio de futebol, os riscos físicos e de responsabilidade civil, que podem causar danos ao patrimônio e aos espectadores, utilizando-se o método *check list*, tomando por base os encartes da FIFA e as Normas de Construção do Estádio e inspeção *in loco*. Efetua-se a avaliação, o tratamento, a prevenção, evitando-se e reduzindo-se os riscos, para os mesmos itens e se conclui, retomando os aspectos mais importantes e recomendando novos estudos.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a mídia falada e escrita vem divulgando constantemente manchetes sobre a violência nos esportes. Violência dos torcedores e dos times. Antes e durante a venda dos ingressos. Durante e após os jogos. Com conseqüências de maior ou menor complexidade, dependendo da segurança dos estádios de futebol.

Em 30 de dezembro de 2000, ocorreu um exemplo de risco no decorrer dos jogos das finais da Copa João Havelange, disputado entre São Caetano e Vasco, quando parte do alambrado do Estádio de São Januário desabou. Saíram feridas 150 pessoas. Em 1996, na Guatemala, houve 91 mortos no Estádio Mateo Flores no encontro entre guatemaltecos e costa-riquenhos. Em 1985, ocorreu a tragédia de 12 de maio, na Inglaterra, quando 53 torcedores morreram queimados e mais de 200 ficaram feridos por causa de um incêndio que destruiu a arquibancada principal no estádio do Bradford. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 27/4/2003)

Diversas são as iniciativas de estudos e discussões sobre a prevenção desse tipo de insegurança nos estádios, tal como a *Carta de Brasília*, resultante do Seminário sobre Segurança nos Estádios, realizado por iniciativa dos Ministérios do Esporte e da Justiça nos dias 24 e 25 de março de 2003. Dentre os princípios da segurança, *A carta de Brasília* determina que o “tema da segurança nos estádios é complexo e multicausal, de modo que sua solução deve envolver a cooperação dos diversos envolvidos e interessados no tema: governos federal, estadual e municipal, Poder Judiciário, Ministério Público, polícias, clubes, federações, espectadores e torcidas, universidades, veículos de comunicação e organizações da sociedade civil”.

Nesse contexto, a realização do presente trabalho, além de ser relevante por tratar de um assunto atual e que interessa a todas as forças vivas da sociedade, pois é uma paixão do povo, justifica-se pela importância em contribuir efetivamente com a redução dos índices de acidentes, pela implementação de um processo efetivo de preservação e/ou recuperação do estádio em questão, como local de festa e reunião de diversos grupos sociais.

O objetivo é contribuir com o gerenciamento de riscos do estádio do Clube Atlético Paranaense, visando à redução dos riscos de insegurança. A pergunta do problema é a seguinte: Como se pode contribuir com a redução de riscos de acidentes no estádio do Clube Atlético Paranaense, por meio do Gerenciamento de Riscos?

No segundo momento do trabalho realizou-se a fundamentação teórica destacando os conceitos relativos ao Risco e ao Gerenciamento de Riscos. Dá também um entendimento básico de como o gerenciamento de riscos se encaixa nas estruturas organizacionais.

No terceiro momento foram indicados os procedimentos metodológicos, tendo sido escolhido o Estudo de Caso.

No quarto momento foi descrito o Estádio de Futebol do Clube Atlético Paranaense e comentado com base nas *Normas da FIFA e do Estatuto de Defesa do torcedor*.

No quinto momento, foi realizada uma análise detalhada do estádio do *Clube Atlético Paranaense*, com a identificação dos riscos, consistindo no seu reconhecimento os quais poderão afetar o estádio e a seus espectadores. Esse reconhecimento foi efetuado por meio do método *check list* e inspeção in loco, tendo por base as *Normas de Construção de Estádios* com inspeção do estádio por quatro vezes, inclusive em dias de jogos. Em seguida foi realizada a avaliação dos riscos, através de uma matriz de risco baseada na probabilidade e potencialidade dos mesmos. Logo após, foi efetuado o tratamento dos riscos.

No sexto momento foi realizada a conclusão do trabalho.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Depois da Segunda Guerra Mundial teve início, nos Estados Unidos e em países Europeus, a gerência de Risco, a partir dos responsáveis pela segurança de grandes empresas e responsáveis pelos seguros, depois de terem analisado as possibilidades de terem seus gastos com prêmios de seguro reduzidos e de ampliarem a proteção da empresa.

Segundo BRASILIANO (2003), além dos responsáveis pela segurança das empresas buscarem a redução desses gastos, pela identificação das perdas, era preciso identificar quais Riscos deveriam ser considerados inevitáveis e quais poderiam ter suas possibilidades reduzidas diretamente. Então eles levantaram a relação custo x benefício das medidas de segurança, que deveriam ser implantadas, e analisaram a situação financeira das empresas para que fosse realizada uma escolha correta do grau de segurança a ser alcançado.

Na década de 70, houve vinculação do gerenciamento de Risco com a área de crédito e financeiro, pois, pela globalização e desregulamentação, os mercados alteraram suas definições e seus aspectos econômicos. Desse modo, a compreensão do que era risco empresarial foi se modificando e no ambiente empresarial passou-se a entender que embora o risco fizesse parte da vida das pessoas, eles não eram iguais, ou seja, os riscos de uma viagem de avião são diferentes de uma viagem realizada em um navio.

Atualmente se sabe que a complexidade do mundo empresarial é maior do que se pensava. Assim, o gerente precisa saber agir na imprevisibilidade e na ambigüidade, tomando decisões com base em informações que estão incompletas porque em mudanças contínuas.

Segundo BRASILIANO (2003. p.3), as atividades de um departamento de gerenciamento de riscos corporativos, na visão moderna, envolve diversas disciplinas. Então esse departamento precisa estar em constante “processo de identificação de

exposição, medição, análise, controle, prevenção, redução, avaliação e financiamento de riscos. Esta nova função ajuda a integrar riscos financeiros e não financeiros tradicionais e seguros e a responsabilidade legal.”

É necessária uma relação interdisciplinar, no que se refere à área financeira, auditoria e controles internos, qualidade total, processos seguros, tecnologia da informação, inteligência competitiva, segurança empresarial, segurança do trabalho, engenharia de confiabilidade, operações, área jurídica, marketing e outras.

2.2 CONCEITOS DE RISCO

Estudiosos da economia e da estatística não encontraram ainda uma definição a respeito do conceito de Risco. Pelo fato de um economista ou um estatístico terem em comum uma conceituação acerca do assunto, o mesmo não ocorre com o teórico do seguro. Assim, cada grupo, por tratar de um corpo diferente de temas, necessita utilizar conceitos distintos. VAUGHAN e ELLIOT¹ (1976, p. 2) explicam que: “(...) embora tanto o estatístico como o adepto da teoria da decisão do seguro utilizem o termo *Risco* este pode significar para cada um deles algo inteiramente diferente”.

Na verdade, o conceito de Risco se encontra em formação. Embora existam muitas definições de Risco na literatura, estas são antagônicas. Um motivo para esta contradição é que os teóricos têm tomado como referência as definições de Risco utilizadas em outros campos. Afirmam VAUGHAN e ELLIOT (1976, p. 2): “Tão surpreendente quanto possa parecer, os autores de textos sobre seguros não se têm mostrado capazes de concordar a respeito de uma definição para este conceito básico”.

E, além do mais, reforçam VAUGHAN e ELLIOT (1976, p. 3) que o termo Risco é utilizado pelos indivíduos no negócio do seguro para significar:

Tanto um perfil contra o qual foi feito o seguro (por exemplo, o incêndio é um Risco ao qual muitas propriedades estão expostas), ou uma pessoa ou propriedade protegida pelo seguro (por exemplo, muitas companhias de seguro entendem que jovens motoristas não constituem bons Riscos). Em uma oportunidade ou outra, poderemos fazer uso do termo Risco de uma

¹ Texto traduzido de VAUGHAN, J., ELLIOT, Curtis M. *Fundamentals of risk and insurance*. New York: John Wjby 1976, p. 2-15, por Francisco de Assis Braga.

maneira ou de outra em que os praticantes de seguro o fazem, mas, na maioria das vezes, faremos uso dele em abstrato, para indicar uma situação em que uma exposição a perda existe.

VAUGHAN e ELLIOT (1976) examinaram os livros existentes no mercado e encontraram outras definições a respeito do Risco:

- a) probabilidade de perda: se tiver o significado de grau de probabilidade em uma situação, então a chance de perda será expressa como uma porcentagem ou fração. Os autores que pensam desse modo entendem a chance de perda e a probabilidade da perda da mesma forma, então o grau de Risco e o grau de probabilidade devem ser sempre idênticos. Se a chance de perda é de 100%, a perda é certa e não existe Risco, pois este implica em algo que está em questão.
- b) possibilidade de perda: é a variação do entendimento de Risco como chance de perda. O termo *possibilidade* significa que a probabilidade do evento está entre zero e um. Esta definição é a mais próxima da noção de Risco utilizada na conversação cotidiana, mas é antes de tudo uma definição ampla que não pode ser aplicada à análise quantitativa;
- c) incerteza: todos os autores parecem concordar que Risco é incerteza ou pelo menos que Risco e incerteza estão relacionados. O primeiro autor a tratar do Risco com relação ao seguro foi Alan H. Willet². Ele tentou construir uma definição mais exata, como se vê abaixo:

Dizem-nos os filósofos que todas as atividades do universo obedecem a leis. Em lugar algum deixariam elas qualquer oportunidade para intrusão do acaso. Eventos que, aparentemente, ocorrem de um modo puramente acidental são tão determinados quanto aqueles cuja ocorrência pode ser acuradamente prevista. A aparência de acidente é devida inteiramente às limitações humanas. É porque não conhecemos todas as condições prévias ou todas as leis que as governam que um fenômeno particular parece-nos ocorrer por acaso. Neste sentido, então, o acaso é puramente subjetivo: é meramente, uma aparência resultante da imperfeição do conhecimento humano e não uma parte do curso da natureza externa.

Sobre a ambigüidade da palavra Risco, ele diz:

A palavra Risco, do modo como é utilizada no discurso do cotidiano, não está, de modo algum isenta de ambigüidade. Algumas vezes, é usada com um sentido

² Citado por VAUGHAN, J., ELLIOT, Curtis M. *Fundamentals of risk and insurance*. New York: John Wjbwy 1976, p. 2-15

subjetivo para denotar o ato de assumir o Risco, mas, de modo mais comum e preferido, num sentido objetivo, para denotar alguma condição do mundo exterior.

Para evitar a ambigüidade, ele destaca:

Parece necessário definir Risco com referência ao grau de incerteza e respeito da ocorrência de uma perda, e não com referência ao grau de probabilidade com que ela ocorrerá. Risco, neste sentido, é um correlato objetivo da incerteza subjetiva. É a incerteza considerada como personificada no curso dos eventos no mundo exterior, do qual a incerteza subjetiva é mais ou menos interpretação na base da crença.

Com base nesses comentários, VAUGHAN e ELLIOT (1976) reforçam a incerteza objetiva, pois ela não existe na natureza, mas é uma imperfeição criada pelo conhecimento humano; reforçam também a incerteza como estado mental, caracterizado pela dúvida ou por falta consciente de conhecimento a respeito de um evento. Por último, reforçam a incerteza com base nas predições humanas não exatas.

- d) risco como dispersão de resultados efetivos e esperados: uma companhia de seguros prediz perdas e calcula um prêmio. Para ela o risco está na predição não exata. A experiência efetiva sofre desvio em relação à expectativa e se o desvio for adverso, correrá um risco. Então mais riscos ou menos riscos ocorrerão num desvio padrão. Segundo VAUGHAN e ELLIOT (1976), a definição do risco como o desvio do resultado efetivo em relação ao esperado é, de fato, uma versão da definição do Risco como incerteza, onde a dispersão relativa é uma expressão da incerteza estatística inerente às predições;
- e) risco como probabilidade de qualquer resultado distinto daquele que se espera: há uma variação do conceito de Risco como dispersão que vê o Risco como uma probabilidade objetiva de que o resultado efetivo de um evento diferirá do resultado esperado.

Com base no que encontraram nos livros existentes, VAUGHAN e ELLIOT (1976, p. 12) construíram sua própria definição.

A possibilidade de um desvio adverso de um resultado que é esperado ou desejado. Uma vez que um desvio adverso de um resultado desejado pode ser visto como uma perda, definiremos o risco, também, como uma possibilidade de perda. Isto é absolutamente semelhante à definição de risco como a probabilidade de qualquer resultado diferente daquele que é esperado. (...) Observe que esta definição não é subjetiva. Risco é um estado do ambiente externo. A possibilidade de perda deve existir, muito embora o indivíduo exposto a esta possibilidade não esteja consciente dela. Se o indivíduo acredita que há uma possibilidade de perda onde nenhuma está presente, há somente um risco imaginado, e não risco no sentido do mundo real. Finalmente, não existe a exigência de que a possibilidade de perda seja mensurável, somente de que deve existir.

2.3 O PROCESSO DE GERENCIAR RISCOS

Segundo o professor Amaro dos SANTOS (2003)³, no dia-a-dia a palavra *risco* tem vários sentidos. É vago, preciso ou quantificável. Apesar de algumas dessas formas não corresponderem ao uso correto da palavra, outras atingem o significado pretendido, sem deixar dúvidas à interpretação.

Quanto ao termo específico *Gerenciamento de riscos*, alguns autores suspeitam que tenha se originado da atividade de treinar cavalos em Roma. Atualmente, segundo HOPE (2002, p. 3), “refere-se a todos os tipos de coisas: lidar com problemas ou pessoal, manipular processos de fabricação ou lidar com finanças pessoais. A palavra ainda carrega um sentido de guiar ou controlar algo que, de outra forma, estaria fora de controle.”

Nesse contexto o termo *risco* é utilizado de modo específico, significando incerteza sobre uma perda ou prejuízo e compreende, portanto, dois elementos importantes: incerteza e perda. Definindo melhor, ficaria assim: “risco significa incerteza sobre a ocorrência ou não de uma perda ou prejuízo” (HOPE, 2002, p. 3).

Para HOPE (2002, p. 4-5):

Gerenciamento de riscos é o processo de melhor lidar com a incerteza quanto à ocorrência ou não de perdas. Um risco pode se tornar aceitável através de seu gerenciamento. Ser capaz de gerenciar, neste caso, significa tentar evitar perdas, tentar diminuir a frequência ou severidade de perdas ou poder pagar as perdas que ocorreram apesar de todos os esforços em contrário. Frequência de perdas é uma referência à quantidade de vezes que perdas ocorrem, e é usada para indicar a probabilidade de perdas semelhantes ocorrerem no futuro. Severidade da perda se refere ao total do prejuízo resultante da perda e a quanto custará pagar por esse prejuízo. A severidade da perda é usada para indicar quanto devem custar perdas futuras.

³ Fundamentos sobre o tema Gerenciamento de Riscos, utilizado durante as aulas, no decorrer de 2003.

No texto do presente trabalho, o risco estará associado, de modo subentendido, à porção relativa somente aos casos desfavoráveis dos resultados possíveis, ou seja, o Risco Puro.

2.4 CLASSIFICAÇÃO DOS RISCOS

2.4.1 Riscos Conjuntos e Riscos Isolados

Segundo SANTOS (2003), a maneira mais importante de exercer a classificação de riscos empresariais é por meio da diferenciação entre riscos isolados e riscos conjuntos. No dia-a-dia de uma empresa, devem ser tomadas diversas decisões que embora possam estar momentaneamente isoladas, fazem parte de um sistema de decisões que, em conjunto, devem contribuir para realização dos objetivos fundamentais da mesma empresa. “Os riscos envolvidos em cada decisão isolada, quando combinados com riscos referentes a outras decisões, adquirem nova dimensão e novo significado, que tanto podem redundar em um agravamento da situação geral do risco, quanto em um benefício para a mesma situação, através de um efeito de compensação mútua.” (SANTOS, 2003, p. 12). Um Risco Isolado pode ser associado à distribuição de probabilidades dos resultados de uma decisão isolada: e a um Risco Conjunto, a distribuição de probabilidades conjuntas dos diversos Riscos Isolados.

Segundo o autor, o não-conhecimento das probabilidades isoladas com exatidão parece ser o problema mais sério de decisões. Mas, na maior parte dos casos, estão ausentes também ferramentas matemáticas para a determinação de probabilidades conjuntas a partir das ferramentas isoladas.

2.4.2 Riscos Puros e Riscos Especulativos

VAUGHAN e ELLIOT (1976) afirmam que é importante distinguir riscos puros e especulativos, pois é comum que somente os riscos puros sejam seguráveis. Não é preocupação do seguro proteger os indivíduos das perdas referentes aos riscos especulativos.

Segundo HOPE (2002), o risco puro não tem possibilidade de ganho, só resulta em perda. Se a perda não ocorrer, a situação fica como antes. Um risco de acidente de carro é exemplo de um risco puro.

VAUGHAN e ELLIOT (1976) listam os seguintes riscos puros para indivíduos e empresas que podem ser classificados em uma das categorias a seguir:

- a) riscos pessoais: considerando que o poder aquisitivo de alguém está sujeito aos riscos de morte prematura, idade elevada, doença ou incapacidade e desemprego, então os riscos pessoais são aqueles que implicam na perda de renda como consequência da perda de capacidade;
- b) riscos à propriedade: porque as posses de alguém de um momento para outro podem ser destruídas ou roubadas. Se uma casa é destruída pelo incêndio, seu proprietário fica sem local de moradia. Tem um dano direto. Mas ele ainda terá gastos adicionais até que a casa fique pronta. Esse tipo de perda recebe o nome de dano indireto;
- c) responsabilidade: pode ser resultado de dano não intencional a outras pessoas, por negligência. Mas pode ser também por danos intencionais. Quem causou danos a alguém é responsável pelo prejuízo causado;
- d) risco que se origina da falha de outras pessoas: quando a pessoa que ficou de cumprir a obrigação não cumpriu, como é o exemplo de um empreiteiro que não cumpriu seu trabalho.

O mesmo não ocorre com o risco especulativo, que pode resultar em perda, nem perda nem ganho, ou em ganho. VAUGHAN e ELLIOT (1976) exemplificam com uma pessoa que comprou um carro e que se vê à frente de possibilidades de perda, mas também de ganho.

Para facilitar o entendimento, HOPE (2002) resume que os “riscos puros representam incertezas sobre se as perdas acidentais ocorrerão. Riscos especulativos surgem de atividades exercidas intencionalmente por pessoas ou empresas porque podem resultar em ganho.” (p. 5) O risco especulativo pode ser consequência de uma perda ou de nem perda nem ganho ou em ganho. Então, “riscos puros representam

incertezas sobre se perdas acidentais ocorrerão. Riscos especulativos surgem de atividades exercidas intencionalmente por pessoas ou empresas porque podem resultar em ganho” (p. 5).

2.4.3 Riscos Financeiros e não Financeiros

VAUGHAN e ELLIOT (1976) comentam que o Risco abrange situações de perdas financeiras ou não. Em cada aspecto do esforço humano existe um elemento de risco. Mas a preocupação desses autores é com os riscos que envolvem perda financeira. Essa é a primeira distinção entre os riscos.

2.4.4 Riscos Dinâmicos e Riscos Estáticos

A segunda distinção diz respeito aos Riscos estáticos e dinâmicos. Os riscos dinâmicos são consequência das mudanças na economia (preços, preferências do consumidor, etc.). Em geral atingem grande número de indivíduos e são menos previstos do que os riscos estáticos, pois não têm grau exato de regularidade.

Os riscos estáticos são aqueles que levam à perdas, mesmo que nada mude na economia. Não constituem fonte de ganhos para a sociedade. Referem-se, por exemplo, às consequências das falhas humanas.

2.4.5 Riscos Fundamentais e Riscos Particulares

VAUGHAN e ELLIOT (1976) explicam que os Riscos fundamentais são os riscos de grupos, resultado de fenômenos econômicos, sociais, políticos. Riscos particulares são as perdas que têm início de eventos individuais e que são sentidos por pessoas antes de serem sentidos por grupos, exemplos: desemprego e terremotos.

2.4.6 Identificação de Riscos

Implica na identificação do reconhecimento de riscos por parte da empresa e que apresenta as seguintes etapas:

- a) riscos externos. Referem-se aos fenômenos econômicos, políticos (nacional e mundial), ao meio ambiente, à empresa, aos fornecedores, aos concorrentes, aos clientes e também a outros assuntos de origem externa e que se incluem na operação da empresa;
- b) riscos internos. São aqueles identificados em caso de incêndio, transporte, lucros cessantes, responsabilidade civil, medidas físicas de proteção, cópias de segurança para sistemas de informação e demais assuntos de origem interna.

SANTOS (2003, p. 29), indica as principais ferramentas usadas na Identificação de Riscos:

- a) listas de *check lists* ou de verificação de perdas potenciais;
- b) questionários sobre análise de riscos;
- c) demonstrações financeiras;
- d) fluxo de operações da empresa;
- e) inspeções *in situ*;
- f) analisar a união entre os departamentos da empresa;
- g) o departamento de riscos deverá estar em comunicação com os outros departamentos da empresa;
- h) analisar as estatísticas de acidentes ou das perdas dos dados estatísticos;
- i) analisar o ambiente externo. Verificar a situação dos clientes, concorrentes e fornecedores;
- j) respaldo de indivíduos especializados externos, ou seja, analistas, consultores e auditores e também os internos de outros departamentos.

Desses itens, os principais referem-se às listas de verificação, que são listagens estruturadas (itens que se relacionam com as perdas potenciais da empresa),

destacando as perdas que se relacionam com recursos humanos e de responsabilidade civil, as perdas de bens materiais e imateriais. As editoras especializadas, as associações de classe, as companhias seguradoras, são as responsáveis pela organização dessas listas.

Normalmente, as listas de verificação seguem um padrão rigoroso contendo perguntas fechadas e objetivas, e que pedem respostas exatas. Algumas perguntas pedem respostas quantitativas ou de *sim e não, existe ou não existe...* Estas listas favorecem as confrontações entre os resultados de aplicações seguintes.

Embora, os questionários de análise de riscos apresentem objetivos parecidos aos das listas de verificação, as perguntas daqueles são bem mais abertas, facilitando detectar situações de riscos ainda não calculam.

2.5 PERDAS, EXPOSIÇÕES A RISCO E GERENCIAMENTOS DE RISCO

HOPE (2002, p. 6) afirma que existe perda, dano ou prejuízo, quando “um bem ou um direito de propriedade de uma pessoa ou organização perde valor, ou quando há redução de uma capacidade de operação”. Ele define exposições e riscos como “possibilidades de perdas acidentais com conseqüências financeiras mensuráveis”. Um risco, portanto é a causa de uma perda.

O autor aponta quatro tipos de exposição a risco: os danos materiais (*property*); a perda por Responsabilidade Civil; os danos pessoais a trabalhadores; e a perda de receita líquida.

A propriedade de bens imóveis (terrenos, prédios e outras estruturas fixas à terra) e de bens móveis (estoques, acessórios, utensílios) formam uma exposição a risco de danos materiais.

Uma empresa é legalmente responsável por ferimentos, invalidez ou morte que alguma pessoa da organização venha a sofrer. Essa responsabilidade é denominada de responsabilidade civil.

Se uma empresa dá emprego a alguém e essa pessoa venha a sofrer morte ou invalidez, ela fica responsável por isso. Então, empregar pessoas representa expor-se a risco de danos pessoais a trabalhadores.

Considerando que receita líquida é definida como o total de receitas menos despesas, que é gerado em um período contábil específico, se, por exemplo, houver mudanças nas regras de zoneamento, pode haver como consequência a perda de receita líquida com queda de receitas e aumento de despesas.

2.6 O ÔNUS DO RISCO E OS MÉTODOS PARA EVITÁ-LO

As perdas são o ônus mais sério do risco e a razão essencial que faz as pessoas procurarem evitar o risco e prepararem-se para sua ocorrência.

VAUGHAN e ELLIOT (1976) afirmam que evitar o risco é uma maneira de lidar com ele, mas esta é uma técnica negativa. Então existem outros métodos que esses autores apontam:

- a) reter o risco: uma pessoa pode estar diante de uma combinação enorme de riscos, mas em muitos casos nada é feito. Se o indivíduo não faz nada para evitar, reduzir ou transferir o risco, a possibilidade de perda é retida. Este é um método legítimo de lidar com o risco;
- b) transferir o risco para outro indivíduo que possa suportá-lo: exemplo, um inquilino faz contrato para pagar qualquer efeito de uma sentença judicial contra o proprietário e que possa se originar do uso das instalações. O seguro também é um meio de transferir o risco;
- c) compartilhar o risco: como ocorre nas corporações que combinam um investimento;
- d) reduzir o risco: por meio da prevenção e do controle dos danos ou por meio de programas de prevenção de doenças pela assistência médica. Sob uma forma de ver, esta é a melhor maneira de reduzir riscos. De outro ponto de vista, o risco pode ser reduzido, de forma agregada, pela utilização da lei dos grandes números, por meio de uma estimativa de perdas.

3 METODOLOGIA

3.1 EM RELAÇÃO À FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Primeiramente foram levantados os recursos bibliográficos (em livrarias, bibliotecas, Internet, etc.), com o objetivo de descrever e classificar os livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário e documentos similares. A escolha das obras foi criteriosa, retendo apenas aquelas que interessaram especificamente o assunto tratado. As informações colhidas foram anotadas em fichas bibliográficas, pois segundo SEVERINO (1996, p. 78), ali “foram descritos os dados referentes ao documento em si, conforme as técnicas bibliográficas. A seguir, assinalaram-se (...) os códigos das bibliotecas onde se encontra o documento e as resenhas do documento.”

3.2 TIPO DE PESQUISA

Para responder à pergunta: como se pode contribuir com a redução de riscos de acidentes no estádio do Clube Atlético Paranaense, por meio do Gerenciamento de Riscos?, foi escolhido o Estudo do Estádio do *Clube Atlético Paranaense*, por meio da técnica do Estudo de Caso que, segundo GULBACOV (2002, p. 5), “é a análise profunda de um ou mais casos de várias condições convergentes visando ampliar a possibilidade de compreensão do fenômeno em análise. Geralmente é de natureza descritiva qualitativa. O conceito observa transferibilidade dos resultados obtidos e não a generalização.”

Para o Estudo do Caso, levaram-se em conta as seguintes características, citadas por LÚDKE e ANDRÉ (1986, p.17-18):

- a) *a descoberta*: teve-se em mente que a construção do conhecimento se dá constantemente, o que significa que a aprendizagem sobre o objeto de pesquisa vai se complementando conforme se realiza;

- b) *a interpretação de contexto*: para que a pesquisa fosse mais completa, o contexto foi levado em consideração, como a região e a história vivida, o passado e o presente;
- c) *retratou-se a realidade*, procurando aprofundar os dados já existentes em reportagens ou declarações;
- d) *possibilitaram-se generalizações*, que favorecem o leitor para outras situações semelhantes ou diferentes;
- e) *representaram-se os diferentes pontos de vista* numa situação social, lembrando que a conclusão fica por conta dos leitores;
- f) *utilizou-se linguagem acessível*, uma vez que o caso foi se construindo durante o processo de estudo, ficando materializado apenas no relatório final.

3.3 DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO, ANÁLISE E RELATÓRIO

Foram seguidas as seguintes fases para o Estudo de Caso do estádio do Clube Atlético Paranaense:

- a) *fase exploratória*: motivadora da determinação do Estudo de Caso do estádio em questão. Realizada através da leitura de reportagens em jornais, foi fundamental para uma melhor definição do objeto de estudo que busca retratar uma unidade de ação;
- b) *delimitação do estudo*: após identificar os elementos principais do problema, realizou-se a busca de livros, jornais, revistas para a revisão de literatura e iniciou-se a coleta sistemática de dados, por meio do comparativo entre as Normas de Construção de Estádios e o Estádio, visando a identificação dos riscos. O método utilizado para identificação dos riscos foi o *check list* e inspeção *in loco*. Para o *check list* foi utilizado o caderno de encartes da FIFA (anexo 1), Normas de Construção de

Estádios e procedeu-se por quatro vezes à inspeção do estádio, inclusive em dias de jogos

- c) *análise dos dados e elaboração do relatório*: os dados que foram juntados desde a fase exploratória foram analisados. Os resultados dos dados foram apresentados em quadros, seguindo os exemplos da matriz de riscos. Em seguida, foi realizada a avaliação, a análise e os comentários do confronto entre os Fundamentos Teóricos e o Estudo de Caso, terminando com a conclusão.

4 DESCRIÇÃO DO ESTÁDIO DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE

4.1 A ARENA DA BAIXADA

FOTO 1 – O ESTÁDIO DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE



Segundo o CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE (2003), a Baixada é o mais antigo estádio de futebol do Paraná. Sua história começa com o primeiro campeonato, em 1915. Em 1916, recebeu a importante visita do pai da aviação, Alberto Santos Dumont. O nome do estádio foi uma homenagem ao esportista Joaquim Américo Guimarães, fundador do Internacional. Joaquim Américo também foi presidente do *Jockey Club* do Paraná.

A Baixada foi construída por dirigentes do Internacional no bairro Água Verde, no local que era anteriormente uma Casa de Pólvora do Exército. Passou por várias mudanças, realizadas pelo Clube Atlético Paranaense que construiu três estádios em menos de 15 anos: o Pinheirão, a Baixada, que foi reconstruída e reaberta em 22 de maio de 1994, e a Arena da Baixada.

Para abrigar maior número de torcedores, o antigo estádio Joaquim Américo foi demolido. A obra durou 18 meses, de 1.^o de dezembro de 1997 a 20 de junho de

1999, e sua inauguração, que ocorreu no dia 24 de junho de 1999, chamou a atenção de todo o país. Os 30.000 lugares foram lotados para o jogo Atlético-PR X Cerro Porteño e Seleção Brasileira X Seleção da Letônia.

Os dados de engenharia indicam os seguintes itens:

Cimento: 228.000 sacos;

Concreto: 2.700 caminhões;

Movimentados 142.480 m³ de terra;

Armados 2.470 ton. de aço;

Lançados 28.512 m³ de concreto;

Alvenaria executada = 27.142 m²;

Montadas 750 ton. de estrutura metálica;

Terra movimentada: 142.480 m³;

Estrutura da cobertura metálica em aço galvanizado a fogo:

Aço armado: 2.470 toneladas

Instalações - Arena da Baixada:

Área do terreno: 39.614,1 m²;

Área construída: 41.927,91 m²;

Área bruta locável: 9.353,94 m²;

Área de estacionamento: 11.576m²;

Medida do campo: 105m X 68m;

32.864 lugares, todos cobertos, sendo:

- 18.600 arquibancadas inferiores;
- 10.251 arquibancadas superiores;
- 2.591 cadeiras;
- 240 cadeiras executivas;
- 970 em camarotes;
- 212 no restaurante VIP;

Arquibancadas com degraus pré-moldados;

Cadeiras de polipropileno, importadas da Espanha;

Cobertura em telhas de policarbonato importado de Israel;

Gramado com 2 tipos de grama: *Rye Grass* e *Tifton 419*;

Sistema de drenagem do gramado;

Estacionamento com 300 vagas cobertas: área de 11.576m²;

Seis elevadores convencionais e dois panorâmicos;

Área coberta 11.980 m² com telhas;

Iluminação:

184 projetores tipo Power Spot III, 1500W;

31 banheiros (17 masculinos e 16 femininos);

68 lojas;

10 suítes de patrocinadores para 22 pessoas, no anel inferior;

41 camarotes para 16 pessoas, no anel inferior;

35 camarotes de 9 a 15 lugares, no anel superior;

10 lojas externas;

8 vestiários, sendo:

- 2 principais com 360m², área de banho, hidromassagem, área técnica, departamento médico e área de aquecimento;
- 2 para jogos preliminares;
- 1 para gandulas;
- 1 para *cheer leaders*;
- 1 para juízes;
- 1 para representantes da Federação;
- 10 camarins para shows;
- Passarela para iluminação de shows em viga metálica.

No total foram gastos US\$ 30 Milhões com a Arena da Baixada.

Segundo o CREA/PR (1999), o estádio de futebol do Clube Atlético Paranaense, que tem como responsável técnico pela obra o engenheiro Luiz Carlos Volpato, é um marco da engenharia paranaense.

FOTO 2 – A ARENA DA BAIXADA



De acordo com o CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE (2003), o estádio está totalmente adequado ao Estatuto do Torcedor (...). Todas as exigências feitas pelo Estatuto são cumpridas pelo Atlético (...) desde que a Arena da Baixada foi inaugurada. Considerada referência para os demais clubes brasileiros, a Arena foi construída de acordo com os parâmetros especificados pela Fifa:

- a) a venda dos ingressos vem sendo realizada em cinco lugares, para que os integrantes possam comprá-lo até 72 horas antes do início da partida;
- b) os torcedores também ficam com o comprovante; o próprio ingresso do jogo é válido como recibo, pois as catracas devolvem o ingresso. Esse sistema garantiu ao Atlético o Certificado Iso 9002, nos aspectos acesso ao estádio e confecção de ingressos;
- c) a segurança é um item bem estruturado, pois, dependendo da importância do jogo, coloca em campo uma média de 150 homens equipados com rádios, aptos a atender ocorrências e garantir a segurança física dos torcedores;
- d) conta com um sistema de monitoramento de câmeras, sendo 15 ao todo, espalhadas em vários pontos estratégicos. O monitoramento é feito por uma central;

- e) disponibiliza para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) um espaço no acesso principal da Arena onde se afixa um comunicado ao público, com diretrizes básicas do relacionamento.

A seguir será realizada uma descrição do estádio seguindo as normas da FIFA como *check list* (Anexo 1), *Recomendaciones Técnicas y Requisitos para la Construcción o modernización de Estadios de Fútbol* e se discorrerá a respeito do Estatuto de Defesa do Torcedor (Anexo 2).

4.2 APRESENTAÇÃO

O estádio do Clube Atlético Paranaense, no qual foi estabelecido o presente trabalho de gerência de risco, foi edificado no mesmo lugar do antigo estádio Joaquim Américo, que continua levando o mesmo nome. O antigo estádio foi totalmente demolido para dar lugar ao atual que conta com uma área edificada de 41.927,91 m² em um terreno de 39.614,10 m². Sua capacidade é para 32.864.

O estádio não está totalmente concluído, restando a edificação da parte norte, como se pode ver na foto anterior, que terá uma capacidade aumentada para 51.000.

Na entrada principal do estádio, há uma área comercial, onde é reservada para locações de lojas, atualmente esta área está ocupada por loja de material esportivo e academia de ginástica. Este setor não receberá análise neste trabalho.

4.2.1 Segurança

Pode-se dizer, de maneira geral, que o estádio apresenta boas condições de segurança e foi construído de modo a seguir as normas ditadas pelo caderno de normas da Federação Internacional de Futebol (FIFA), como pode ser constatado no decorrer deste trabalho.

4.2.2 Comodidade

Um estádio moderno deve buscar sempre a melhor comodidade a seus espectadores. O novo Estádio Joaquim Américo apresenta:

- a) arquibancadas cobertas. Todo público fica abrigado das intempéries, embora, por ainda não estar totalmente concluído, as primeiras filas de arquibancadas possam ser atingidas quando há chuva com ventos, notadamente no primeiro anel. Embora não seja relevante para a gerência de risco com vistas à segurança e não leve a danos materiais, a atual cobertura tem prejudicado o gramado do estádio, que, nas áreas sombreadas, apresenta dificuldade no seu desenvolvimento.
- b) assentos: Uma das deficiências atuais do estádio refere-se ao fato de que somente o setor de cadeiras apresenta assentos adequados, ou seja, individuais e com encostos. Os outros setores ainda não possuem assentos, o que deve ser implementado, até mesmo para atender ao Estatuto do Torcedor. Atualmente, não há setores de cadeiras numeradas propriamente ditos, pois as cadeiras são de ocupação comum, ou seja, aqueles que chegam antes escolhem seus lugares;
- c) serviços higiênicos: Estes serviços apresentam excelentes dependências na parte interna, possuindo número suficiente para os dois sexos. Atualmente estes serviços não estão disponíveis nas partes externas do estádio;
- d) instalações de bares e lanchonetes: Os bares e lanchonetes são de boa qualidade e atendem ao público em todas as suas instalações, não sendo permitido vendas de mercadorias em embalagens que possam causar contusões, tipo metal ou vidro;
- e) serviços de limpeza: Estes serviços estão a cargo de firma terceirizada, contando com nove funcionários fixos no dia-a-dia, indo até quinze funcionários nos dias após os jogos. Há 20 lixeiras distribuídas adequadamente em cada anel do estádio. De maneira geral, o estádio, antes dos espetáculos, sempre apresenta aspecto de limpeza. Especial atenção

deve ser dada à pronta limpeza das lanchonetes que ficam a cargo dos proprietários;

- f) infra-estrutura de hospitalidade corporativa: A arena do Clube Atlético Paranaense possui camarotes de vários tamanhos; em seu primeiro anel, em número de 51, e no segundo anel, em número de 35, com entradas privativas. Algumas das áreas de hospitalidade corporativa, tais como as tribunas de honra (setor vip), têm um amplo salão, com vista panorâmica para o campo de jogo, mas que ainda está desocupado. Há também outras dependências do estádio que estão locadas para terceiros, que exploram salões de ginástica, vendas de material esportivo e souvenir do clube.

4.2.3 Comunicação com o Público Fora e Dentro do Estádio

4.2.3.1 Sinalização nos Bilhetes de Entrada (Ingressos) e Dentro do Estádio

Atualmente não há descrição impressa de lugar nos ingressos porque o estádio ainda não possui locais numerados. Há três tipos de ingressos, que determinam setores distintos dentro do estádio: um para as arquibancadas, outro para o local de cadeiras e outro para os camarotes e áreas vips.

As sinalizações dentro do estádio são apropriadas, bem legíveis e em locais de boa visualização. A sinalização fora do estádio é prejudicada porque o estádio encontra-se dentro de uma quadra residencial e faz vizinhança com terceiros (prédios e moradias), embora não cause maiores dificuldades de acessibilidade.

Atualmente a chegada às arquibancadas e cadeiras é facilitada por estas não serem marcadas; no entanto, às vezes, tem-se o desconforto de haver necessidade de chegar mais cedo ao estádio para assegurar um melhor lugar, quando de espetáculos mais grandiosos.

4.2.3.2 Sistema de Comunicação ao Público.

O estádio possui um excelente sistema de comunicação com o público (altofalantes), mas somente para o público interno, pois as áreas externas se confundem com vizinhanças o que torna sua aplicação recomendável dentro de um critério diferenciado daquela para dentro do estádio.

4.2.3.3 Placas Eletrônicas e Telas de Vídeo.

Atualmente o estádio não tem esses equipamentos. Eles serão instalados conforme a demanda e a necessidade, pois são caros e geralmente vem com os patrocínios. Mas são recomendáveis, pois também servem para comunicação com o público em caso de necessidade quanto à segurança.

4.2.3.4 Telefones Públicos

O estádio conta em seu interior com estes aparelhos em número de oito e em locais apropriados, possuindo na área externa mais oito, de controle da concessionária.

4.2.4 Placas Publicitárias ao Redor do Terreno de Jogo

As placas publicitárias ao redor do campo de jogo seguem as seguintes medidas:

- altura até 1,00 m, o ideal seria até 0,90 m, segundo recomendações da FIFA;
- nas linhas laterais do campo, guardam uma distância de aproximadamente 2,00 m, o ideal 4,00 m (FIFA);
- atrás dos gols, distância de 3,5 m, o ideal seria 5,00 m, reduzindo-se para 2,00 m na altura das bandeirinhas de escanteio, o ideal seria 3,00 m (FIFA).

Outras condições obedecidas pelas placas:

- estão em lugares que não constituem perigo eminente aos jogadores, oficiais e a outras pessoas que trabalham internamente ao campo;
- as placas são de material que não apresentam risco aos jogadores. Atualmente não há placas energizadas, o que pode apresentar risco de choques elétricos quando não instalados adequadamente. Tal fator de risco deve ser evitado quando desta aplicação;
- as placas não são refletoras de luz que possam atrapalhar o público, jogadores, juízes ou outras pessoas;
- as placas estão colocadas de forma a não obstruir o caminho dos espectadores, em caso de evacuação para dentro do campo do jogo.

4.2.5 Exclusão dos Expectadores da Zona de Jogo

Entre os vários sistemas existentes de exclusão de espectadores do campo de jogo, podem ser citados os seguintes:

- presença da polícia ou de pessoal de segurança ao redor do campo de jogo;
- disposição de assentos na primeira fila a uma altura que torne pouco provável ou quase impossível que os espectadores possam invadir o campo;
- alambrados ou lâminas transparentes inquebráveis separando os espectadores do campo de jogo;
- fosso.

O estádio Joaquim Américo do Clube Atlético Paranaense usa o sistema de fosso.



Vista do fosso que separa as arquibancadas do campo de jogo.

Embora os espaços entre o campo de jogo e as arquibancadas não sejam muito distantes, o sistema de fosso é utilizado no estádio com relativa segurança tanto para os atletas quanto para o público.

4.2.5.1 Para os Atletas ou Protagonistas do Espetáculo

As distâncias são de 5 metros. Até o momento não houve qualquer acidente ou incidente, mesmo de menor gravidade, pois, além das distâncias razoáveis, há uma cerca de proteção entre o campo e o fosso.

Há alguns incidentes nas bandeirinhas de escanteio quando em jogos de maior rivalidade, onde, eventualmente, são jogados objetos (não contundentes) que, por vezes, interrompe o jogo.

Para que não mais ocorram estes incidentes, sugere-se uma tela móvel que poderá ser operada nas ocasiões de escanteios, se necessário.



Vista do local dos escanteios, onde sugerimos uma tela móvel protetora.

4.2.5.2 Para os Espectadores

O fosso apresenta boa segurança. Suas dimensões são 2,50 m de largura x 3,50 m (lado da platéia) e 2,50 m de altura (lado do campo), não havendo possibilidades normais das pessoas transpô-lo ou escalá-lo para ter acesso ao campo de jogo, mantendo-se sempre seco e limpo.

Muito embora a boa segurança, ainda há esporadicamente acidentes de queda de espectadores mais afoitos e imprudentes. Como medida de maior segurança, há funcionários orientando para que estas pessoas não subam na proteção do fosso e há uma rede de segurança em determinada altura do fosso para minimizar eventuais quedas.

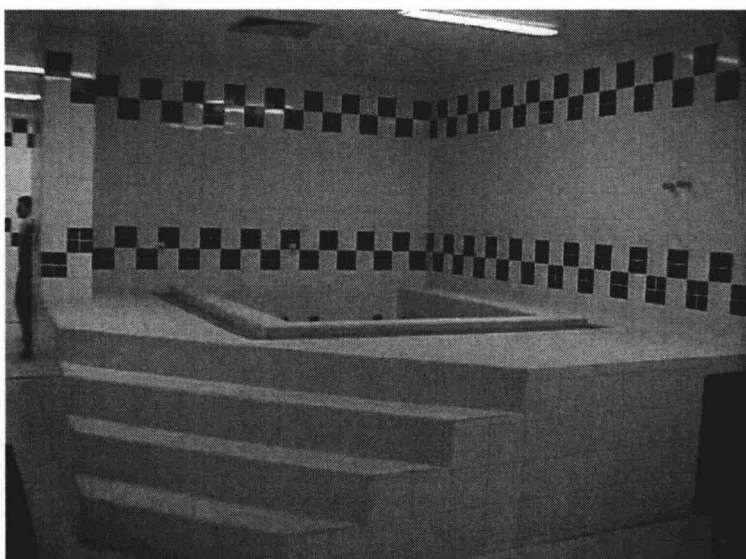
Tendo em vista o primeiro anel que dá para o fosso não ter uma inclinação acentuada, o risco de espectadores serem projetados para o fosso em uma onda (avalanche) de espectadores, é bastante baixa.

Não há pontes móveis sobre o túnel à disposição para eventual evacuação do público para o campo do jogo. Tal deverá ser estudada para um caso de necessidade.

4.2.6 Acesso dos Jogadores e Oficiais da Partida aos Vestiários

O acesso aos vestiários é feito pela rua Coronel Dulcídio e é comum aos estacionamentos. Já dentro do estacionamento há uma área privativa que dá acesso aos vestiários, inclusive podendo-se adentrar veículos ou ônibus o que torna este local seguro e isolado das áreas de estacionamento.

Tanto o acesso, quanto às saídas, dos vestiários são amplas e seguras, dando segurança a quem utiliza os vestiários.



Vistas internas dos vestiários.

4.2.7 Salas Adicionais

O estádio possui várias salas adicionais a aquelas normalmente utilizadas para uma partida de futebol, entre estas:

- salas para gandulas (pegadores e bolas)
- camarins para artistas de shows, musicais, espetáculos teatrais, etc.
- salas de depósitos de materiais diversos.

Anexo aos escritórios do clube, localizado atrás do local destinado a torcidas do time adversário, encontra-se um depósito de material de construção, o que pode tornar-se local de risco, pois há alguns materiais combustíveis no local e estrutura de construção em madeira.

Como sugestão, em dias de jogos, este local deve ficar vigiado para que não seja invadido por pessoas não autorizadas (torcida adversária), visto que o acesso não é difícil.

4.2.8 Acesso ao Terreno de Jogo pelos Vestiários

Os vestiários são independentes e em número de quatro para os times (dois para o jogo principal e dois para a preliminar) e um para os oficiais do jogo. A entrada para o campo é comum aos times e reportagem de imprensa. Há uma divisão que separa a entrada dos oficiais do jogo (juiz, bandeirinhas, representante), mas não há uma divisão que impeça o acesso da imprensa aos protagonistas do espetáculo, não obstante haver uma sala de imprensa destinada a entrevistas.



Vista da sala de imprensa, local destinado às entrevistas.

A proteção dos atletas e oficiais do jogo em relação ao público, quando adentram ao campo, é feita neste local por um alambrado alto. Apesar de boa segurança, o ideal seria que as entradas/saídas dos vestiários fossem separadas e protegidas por túneis telescópicos que adentrassem ao gramado em até 10 metros.

4.2.9 Áreas Vips (Tribuna de Honra)

- a) localização: A área vip do estádio da Arena da Baixada encontra-se acima dos vestiários dos jogadores, dos setores de reportagem de campo da imprensa, dos vestiários dos oficiais de jogo (normas da FIFA) e encontram-se atrás do gol de fundos do estádio, com uma boa visão do campo de jogo;
- b) acesso: A área vip tem sua entrada separada do público em geral, pela rua Petit Carneiro, e conduz a uma ampla área de recepção localizada entre esta entrada e as poltronas. Os espectadores que estão nas tribunas podem ter acesso direto aos vestiários, quando autorizados;
- c) assentos: Os assentos são fixos, com braços acolchoados e bastante confortáveis, estando espaçados de maneira a dar boa circulação às pessoas;

- d) capacidade: Há 220 cadeiras Vips à disposição de autoridades e convidados. Quando há disponibilidade, estas cadeiras podem ser vendidas ao público em geral a preços mais caros;
- e) área de recepção: Há uma ampla sala de recepção que conta com:
- acesso privativo à tribuna de honra.
 - serviços higiênicos (homens e mulheres).
 - telefones com linhas diretas.
 - lugares informais para mesas.
 - poderá contar com televisores.



Vista do setor Vip do estádio.

4.2.10 Ingressos e Saídas do Público

O controle do ingresso dos espectadores se faz nas entradas do estádio, sendo que, primeiramente, há uma revista por parte da Polícia Militar e, após, há um controle nas roletas do estádio onde há funcionários vigiando, visto que as roletas não são operadas manualmente, mas automaticamente por leitura magnética dos ingressos.

Não há uma cerca perimétrica ao redor do estádio porque ele já é circundado por terceiros (prédios ou residências).

O estádio tem quatro entradas/saídas para o público em geral e mais uma para as tribunas de honra/tribuna vip, tendo um razoável sistema de escoamento de

público. Do local mais distante do estádio até o logradouro público, uma pessoa leva menos de seis minutos (dentro da norma do corpo de bombeiros), quando tendo sua passagem livre, sem engarrafamento.

Em dias de jogos de maior afluxo de pessoas, o sistema de entrada e escoamento público apresenta-se deficiente na entrada/saída da avenida Getúlio Vargas:

- *na entrada*, o problema se apresenta quando as filas de compras de ingressos se confundem com a entrada do público ao estádio, ocorrendo alguns congestionamentos.
- *na saída*, o local é estreito para o número de pessoas que afluem a este ponto, além de ambulantes se colocarem na rua em frente aos portões.

A título de sugestão, para minimizar a situação, poderia ser estudada a possibilidade de se transferir as bilheterias desta área para o lado oposto, com a readequação da rampa de acesso aos estacionamentos.



Vista da saída da Av. Getúlio Vargas, onde sugerimos a transferência da cabina de venda de ingressos para posição oposta, facilitando o fluxo das pessoas.

O ideal, mas de alto custo, seria ampliar esta saída em sua largura, com aquisição de mais um faixa de terreno.

Quanto à sinalização dentro do estádio, é eficiente em todos os sentidos.

4.2.11 Áreas do Público

A capacidade atual de público do estádio da Arena da Baixada é de 32.864, em sua primeira etapa de construção, em sua segunda etapa o estádio terá capacidade para 51.000.

A segunda etapa de construção depende da aquisição de um terreno contíguo e também de verbas disponíveis.

Esta capacidade é plenamente aceitável para a grande maioria dos espetáculos a que o estádio se propõe a sediar. A cidade de Curitiba possui excelente estrutura para acomodar grandes eventos ou jogos que recebem visitantes de outras localidades.

4.2.11.1 Setores

Atualmente há quatro setores individualizados no estádio, a saber:

- a) *setores de arquibancadas*: Os espectadores têm acesso a este local, logo que passam pelas roletas eletrônicas, não havendo subdivisões nos setores que abrangem o primeiro anel, como também em parte do segundo anel. Atualmente, esses setores não têm cadeiras nem locais numerados, podendo um espectador assistir ao evento a partir de qualquer lugar ali localizado. A torcida adversária tem um local isolado no setor de arquibancadas, com entrada privativa pela rua Madre dos Anjos. O setor de arquibancadas destinado à torcida visitante tem uma deficiência grave, pois em certos lugares que lhe são destinados, não há visão total do campo de jogo. Aconselha-se, portanto, que só seja vendida a quantidade restrita de ingressos para ocupar os locais de visão total do campo de jogo;
- b) *setores de cadeiras e cadeiras cativas (porém estas cadeiras não são numeradas)*: O acesso a este setor é passando pelas das arquibancadas, havendo um controle na entrada do setor, onde um porteiro retém o ingresso que passa pelas roletas eletrônicas e tem uma diferenciação do de arquibancadas;



Vista do setor de arquibancadas (anel inferior) e cadeiras (anel superior).

- c) *setor de camarotes*: Este setor tem acesso individual pela área de estacionamentos através de escadas ou elevadores privativos;
- d) *setor de tribuna de honra ou vip*: Esta área pode ser acessada por entrada individual pela rua Petit Carneiro ou também pela área dos camarotes.



Vista do salão de recepção do setor Vip do estádio.

4.2.11.2 Segurança

Todas as áreas do estádio, escadas, portas, corredores, áreas públicas e privadas, correspondem às normas de segurança. As escadas, os corredores e os portões são bem sinalizados e pintados em cores chamativas. Essas passagens, as escadas, estão livres para o perfeito fluxo dos espectadores, com corrimãos e espaçamentos adequados. As portas e portões abrem para fora, conforme as normas de segurança e são atendidos todo tempo por pessoas que podem abri-las em caso de emergência e nunca estão fechados com cadeados.

As entradas são monitoradas por circuito interno de televisão, para não haver evasão de renda, mas também servindo para segurança no local.

4.2.11.3 Utilidades:

- a) *energia elétrica*: Há uma cabine de entrada de energia, três subestações com dois transformadores de 225 KVA cada, uma subestação com um transformador de 225 KVA e uma subestação com dois transformadores de 500 KVA própria para shows. Todas as instalações de força são do tipo padrão Copel, estando adequadamente instaladas no sub-solo (setor de estacionamento), com boa segurança e isoladas do público. O sistema de pára-raios é adequado, contado com 9 aparelhos distribuídos nas três torres de iluminação e nas seis colunas principais do estádio;
- b) *central de gás*: A central de gás fica instalada externamente ao corpo do estádio, próxima à entrada de serviços, em tanque subterrâneo, dentro das normas e daí distribuída para todo estádio em tubulações apropriadas, pintadas na cor amarela. O sistema de gás do estádio tem a manutenção da própria empresa que o instalou;
- c) *água*: A água, que serve ao estádio, provém da Sanepar e é armazenada em duas cisternas de 150.000 litros cada. Há outra cisterna de 30.000 litros para irrigação. Há também um poço artesiano com capacidade de 10.000

l/horas. A reserva de água exclusiva para hidrantes é de 50.000 litros. Atualmente a água quente só está disponível nos vestiários.

- d) *caldeiras*: Há duas caldeiras a gás para água quente, com capacidade para 1.500 litros cada;
- e) *shafts*: Há seis grandes shafts, localizados nas colunas principais do estádio por onde passam todas as tubulações de utilidades do estádio, a água de consumo, a água pluvial, o esgoto, o gás, as tubulações elétricas e o telefone. Tais *shafts* são apropriados para este fim;
- f) *elevadores*: Atualmente há seis elevadores, que estão situados nas colunas principais do estádio, e dois elevadores panorâmicos na área do centro comercial do estádio, onde estão as lojas e academias de ginástica locadas a terceiros.

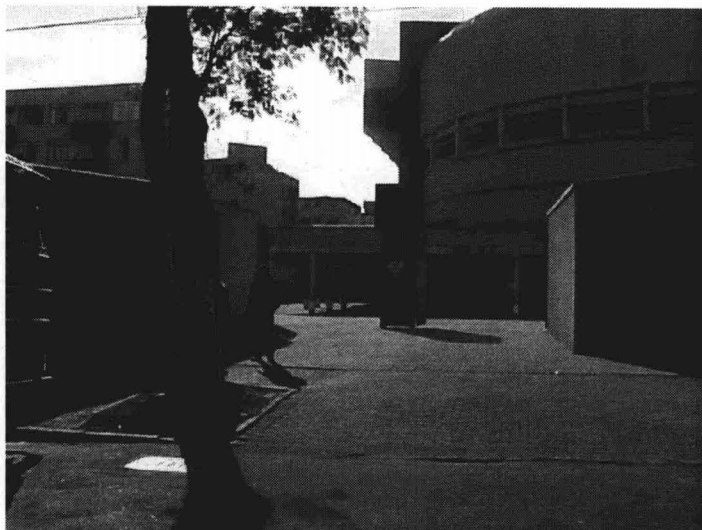
4.2.12 Estacionamentos

4.2.12.1 Polícia, Bombeiros, Serviços de Emergência e Expectadores Incapazes

Não há estacionamento público no interior do estádio. O estacionamento existente destina-se aos protagonistas do espetáculo, e as vagas que restam são exploradas por empresa especializada (Estapar).

A polícia tem local apropriado para seus veículos no estacionamento, assim como local para ambulâncias. Os espectadores com deficiência física também têm algumas vagas à disposição dentro da política de exploração deste local.

Carros de bombeiros não são requisitados para permanecerem no estádio nos dias de jogos, mas, caso necessário têm livre acesso ao estacionamento, por duas entradas. O tempo de chegada dos bombeiros ao estádio é de aproximadamente 5 minutos.



Vista da entrada dos estacionamentos do estádio.

4.2.12.2 Equipes, Árbitros e Funcionários Oficiais

Nos estacionamentos, há vagas privativas para as equipes, árbitros e oficiais do jogo, havendo espaços para dois ônibus e dez carros neste local.

Esses protagonistas têm suas vagas próximo aos vestiários e têm privacidade em relação ao público.

4.2.12.3 Celebidades (Vip)

No estacionamento do estádio não há vagas destinadas exclusivamente a esses espectadores, mas que podem ser reservadas à medida da necessidade, em geral os ingressos Vips são em número de 30.

4.2.12.4 Meios Informativos (imprensa).

No estacionamento do estádio não há vagas destinadas exclusivamente a esses protagonistas, mas que podem ser reservadas à medida da necessidade. Em geral, os ingressos destinados à imprensa local são 30.

Os lojistas têm 15 vagas de garagem reservada.

Há também área reservada para veículos de TV de externa. O local destinado é apropriado para a conexão de cabos de transmissão, suprimento de energia elétrica e vigilância apropriada.

4.2.12.5 Pessoal de Serviços do Estádio

No estacionamento, há local apropriado para veículos do pessoal de serviços, segurança, provedores de bebida e comida, embora não isolados dos estacionamentos do público geral.

4.2.12.6 Público Geral

Os estacionamentos do estádio se encontram no primeiro piso do estádio (subsolo) com entrada comum para o público em geral, protagonistas dos espetáculos e pessoal de serviços. Os estacionamentos para o público dentro do estádio são pagos e de responsabilidade da empresa terceirizada (Estapar).

Tendo em vista que o estádio não está totalmente concluído, as vagas de estacionamento não suprem as necessidades do público geral. Os demais espectadores deixam seus veículos nas vizinhanças do estádio, em ruas próximas ou em estacionamentos particulares.

Quando vêm caravanas de torcidas de outros times, esses torcedores adentram ao estádio por uma entrada separada, e os ônibus ficam nestas proximidades. Quando há jogos de maiores riscos, esses ônibus têm acompanhamento da polícia, pois é um fator que exige cuidados especiais de segurança.

4.2.13 Comunicação

A comunicação pode ser feita através do sistema de som do estádio ou por sistema *walk-talk*.

O estádio possui instalações (infra-estrutura) para os seguintes telefones, mas ainda não estão totalmente à disposição de seus usuários:

- a) nos vestiários das equipes;
- b) nos vestiários dos árbitros;
- c) sala do delegado da partida;
- d) sala de controle de dopagem;
- e) sala de controle do estádio;
- f) cabine do anunciador do estádio;
- g) áreas da tribuna de honra;
- h) Guichês de vendas de entradas;
- i) Mesa de representante e banco de reservas.

Todo estádio está ocupado com oito telefones à disposição do público.

4.2.14 Sistema de Circuito Interno de Televisão

Atualmente, o estádio está com sistema de circuito interno de televisão, apenas com cobertura dos setores de roletas das entradas de público (13 pontos), para eventuais emergências, mas principalmente para fiscalização do controle de ingresso de público, para que não haja evasão de arrecadação.

Sugere-se que este serviço seja disponibilizado em todo estádio, até mesmo para adequar-se ao código do torcedor.

4.2.15 Posto de Controle do Estádio e Outras Instalações

O posto de controle do estádio está situado no setor H nível arquibancada inferior, onde fica o sistema de som e a central de circuito interno de TV. Em dias de jogos, o gerente do estádio fica no local chamado cabine de imagem invertida, do qual tem plena visão de todo estádio e pode se comunicar diretamente com a cabine de controle do estádio (sistema *walk talk*).

O comando da sala de controle tem a possibilidade de enviar mensagens, assim como interrompê-las para os diversos setores do estádio.

A polícia tem uma sala própria para seu uso no estádio

Como sugestão, propõe-se que o responsável pela segurança do estádio tenha planos de emergência, em combinação com as autoridades: polícia, corpo de bombeiros, seguranças, para aplicação imediata em caso de necessidade.

4.2.16 Vendas de Ingressos

Os pontos de vendas de ingressos do estádio são feitos em quatro locais. Dois na entrada principal do estádio, com área ampla para filas. O terceiro está situado junto com a entrada da Av. Getulio Vargas em condições não plenamente satisfatórias, onde as filas, em jogos de maior público, causam engarrafamentos com aquelas que querem ter acesso às roletas. O quarto ponto de venda está na Rua Madre Maria dos Anjos, que é destinado à torcida visitante.

Os ingressos magnéticos, após a passagem pelas roletas onde são ticados, ficam em poder do usuário, o que é também uma prova de recibo para qualquer eventualidade, adequando-se ao Estatuto de Defesa do Torcedor.

Alguns destes ingressos com características adicionais servem também de passaporte para adentrar ao setor de cadeiras, onde são retidos e devolvidos, na saída deste setor, por porteiros, quer no final do jogo, quer para sair e voltar a este local durante o espetáculo.

O sistema de ingressos é bastante eficiente e atende perfeitamente às necessidades.



Vista das bilheterias principais do estádio.

4.2.17 Prevenção de Incêndios

- o sistema de combate a incêndios é bastante eficaz, contando com 173 extintores (22 de CO₂ com 6 kg, 209 de pó químico com 4 kg, 2 de pó químico com 6 kg, 3 de pó químico com 6 kg, 39 de água com 10 litros) e 73 hidrantes distribuídos adequadamente por todo o estádio, havendo também avisadores de incêndio, tipo quebra vidro junto aos hidrantes.
- a rede de hidrantes é de acionamento automático, sendo pressurizada constantemente por uma bomba jôquei. Com a queda de pressão, caso venha a ser acionado qualquer hidrante, entra em operação uma bomba movida por motor elétrico dando pressão máxima ao sistema. Há também uma bomba em *stand by* movida por motor de combustão interna, em caso de falta de energia.
- a carga incêndio no estádio é relativamente baixa. Especial atenção deve ser dada ao depósito de material de construção que fica vizinho ao local destinado à torcida adversária.
- O lixo, que poderia apresentar algum potencial de carga incêndio, é retirado do estádio após a limpeza, que é feita geralmente em dias

subseqüentes aos espetáculos, não havendo, portanto, acúmulo destes materiais de risco.

- outro fator de risco é a existência de gás para os lojistas, cujas instalações obedecem às boas normas de segurança. Mesmo assim, todo cuidado é requerido para sua utilização.

4.2.18 Estruturas de Segurança Construtiva.

O estádio é construído em concreto armado, combinado com estrutura metálica na cobertura. As telhas de cobertura são em parte metálicas e em parte translúcidas de P.V.C.

A manutenção das estruturas é feita por equipe própria do estádio que possui engenheiro *full time* para este fim.

Considera-se de fundamental importância, para segurança do estádio, a manutenção das estruturas de cobertura dos telhados, assim como calhas, visto que recentemente em uma chuva mais forte, as calhas não suportaram o volume d'água, o que pode tornar-se um risco de maior severidade no caso de granizo.

4.2.19 Salas de Primeiros Socorros ao Público

Há uma sala de primeiros socorros ao público que está instalada no setor H nível arquibancada inferior, com as seguintes características:

- a) local de fácil acesso e sem corredores estreitos ou inacessíveis à chegada de macas, cadeiras de rodas, etc.;
- b) o local tem boa iluminação, ventilação, tomadas elétricas, água potável e serviços higiênicos unissex;
- c) possui paredes e pisos (antideslizantes) construídos de material fácil de limpar;
- d) não dispõe de armários de vidro para medicamentos e material de primeiros socorros;
- e) dispõe, no local de maca, de cobertor e de almofada;

- f) não dispõe de um telefone;
- g) está claramente sinalizada para reconhecimento do público.

4.2.20 Pessoal Disponível

4.2.20.1 Próprio.

- a) escritório (sede): 30 funcionários.
- b) manutenção. Conta com:
 - gramado: 2 funcionários;
 - eletricitas: 2 funcionários;
 - hidráulica: 1 funcionário;
 - pintor: 1 funcionário.
 - soldador: 1 funcionário.
 - pedreiro / Carpinteiro: 2 funcionários
 - engenheiro: 1 funcionário.

4.2.20.2 Terceirizados

- a) manutenção de elevadores: (APE);
- b) gás: (Minas Gás);
- c) monitoramento de vídeo: (Site-se);
- d) segurança: 100 a 120 seguranças (em dias de eventos);
- e) limpeza: (Sentinela), nove funcionários fixos e 15 para dias de jogo, mais seis ascensoristas;
- f) Sonorização: dois funcionários nos dias de jogos.
- g) Telefonia;
- h) elétrica de alto, um funcionário.

4.3 O SUBSTITUTIVO AO PL Nº 7.262, DE 2002 PARA PROTEGER O TORCEDOR NO ESTÁDIO

Neste item, além de citar os principais pontos relativos à segurança do torcedor, também se discorrerá a respeito do que já se implantou ou falta implantar no estádio, colocando-se as observações em negrito.

O Substitutivo ao PL nº 7.262, de 2002, que dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências, afirma no capítulo IV, sobre a segurança do torcedor partícipe do evento esportivo, em seus artigos 13 e 14:

Art. 13. O torcedor tem direito à segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas.

O estádio do Clube Atlético Paranaense foi projetado, construído e é mantido para atender a este artigo.

Parágrafo único. Será assegurada acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida.

O estádio destina local para estes espectadores, sendo seu acesso e acomodações apropriadas.

Art. 14. Sem prejuízo do disposto nos arts. 12 a 14 da Lei nº 8.078, de 1990, a responsabilidade pela segurança do torcedor em evento esportivo é da entidade de prática desportiva detentora do mando do jogo e de seus dirigentes, que deverão:

I - solicitar ao Poder Público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela orientação dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

A administração do estádio faz esta solicitação aos órgãos públicos.

II - informar imediatamente após a decisão acerca da realização da partida, dentre outros, aos órgãos públicos de segurança, transporte e higiene, os dados necessários à segurança da partida, especialmente:

a) o local.

A administração do estádio faz esta solicitação aos órgãos públicos.

No capítulo V, que trata dos ingressos, são destacados os artigos de 20 a 24:

Art. 20. É direito do torcedor partícipe que os ingressos para as partidas integrantes de competições profissionais sejam colocados a venda até setenta e duas horas antes do início da partida correspondente.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

§ 1º O prazo referido no *caput* será de quarenta e oito horas nas partidas em que:

I - as equipes sejam definidas a partir de jogos eliminatórios; e

II - a realização não seja possível prever com antecedência de quatro dias.

§ 2º A venda deverá ser realizada por sistema que assegure a sua agilidade e amplo acesso à informação.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

§ 3º É assegurado ao torcedor participe o fornecimento de comprovante de pagamento, logo após a aquisição dos ingressos.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

§ 4º Não será exigida, em qualquer hipótese, a devolução do comprovante de que trata o § 3º.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

§ 5º Nas partidas que compõem as competições de âmbito nacional ou regional de primeira e segunda divisão, a venda de ingressos será realizada em, pelo menos, cinco postos de venda localizados em distritos diferentes da cidade.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

Art. 21. A entidade detentora do mando do jogo implementará, na organização da emissão e venda de ingressos, sistema de segurança contra falsificações, fraudes e outras práticas que contribuam para a evasão da receita decorrente do evento esportivo.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

Art. 22. São direitos do torcedor participe:

I - que todos os ingressos emitidos sejam numerados;

Tal item será implementado até o prazo previsto neste código.

II - ocupar o local correspondente ao número constante do ingresso.

Tal item será implementado, até o prazo previsto neste código.

§ 1º O disposto no inciso II não se aplica aos locais já existentes para assistência em pé, nas competições que os permitirem, limitando-se, nesses locais, o número de pessoas de acordo com critérios de saúde, segurança e bem-estar.

Este item não está sendo cumprido na arquibancada destinada à torcida adversária, pois, algumas vezes é vendido maior número de ingressos o que obriga parte destes espectadores terem visão restrita, em relação ao campo de jogo.



Vista do local destinado a torcida visitante.

§ 2º A emissão de ingressos e o acesso ao estádio na primeira divisão da principal competição nacional e nas partidas finais das competições eliminatórias de âmbito nacional deverão ser realizados por meio de sistema eletrônico que viabilize a fiscalização e o controle da quantidade de público e do movimento financeiro da partida.

Este item é obedecido no estádio do Clube Atlético Paranaense.

§ 3º O disposto no § 2º não se aplica aos eventos esportivos realizados em estádios com capacidade inferior a vinte mil pessoas.

Art. 23. A entidade responsável pela organização da competição apresentará ao Ministério Público dos Estados e do Distrito Federal, previamente à sua realização, os laudos técnicos expedidos pelos órgãos e autoridades competentes pela vistoria das condições de segurança dos estádios a serem utilizados na competição.

Este item é obedecido no estádio do Clube Atlético Paranaense.

§ 1º Os laudos atestarão a real capacidade de público dos estádios, bem como suas condições de segurança.

Este item é obedecido no estádio do Clube Atlético Paranaense.

§ 2º Perderá o mando de jogo por, no mínimo, seis meses, sem prejuízo das demais sanções cabíveis, a entidade de prática desportiva detentora do mando do jogo em que:

I - tenha sido colocado à venda número de ingressos maior do que a capacidade de público do estádio; ou

II - tenham entrado pessoas em número maior do que a capacidade de público do estádio.

Art. 24. É direito do torcedor participar que conste no ingresso o preço pago por ele.

§ 1º Os valores estampados nos ingressos destinados a um mesmo setor do estádio não poderão ser diferentes entre si, nem daqueles divulgados antes da partida pela entidade detentora do mando de jogo.

Este item é obedecido no estádio do Clube Atlético Paranaense.

§ 2º O disposto no § 1º não se aplica aos casos de venda antecipada de carnê para um conjunto de, no mínimo, três partidas de uma mesma equipe, bem assim na venda de ingresso com redução de preço decorrente de previsão legal.

Art. 25. O controle e a fiscalização do acesso do público ao estádio com capacidade para mais de vinte mil pessoas deverá contar com meio de monitoramento por imagem das catracas, sem prejuízo do disposto no art. 18 desta Lei.

Este item já é obedecido parcialmente no estádio, será totalmente implementado dentro dos prazos deste código.

O capítulo VI, sobre o transporte, aborda os artigos 26 e 27:

Art. 26. Em relação ao transporte de torcedores para eventos esportivos, fica assegurado ao torcedor partícipe: I - o acesso a transporte seguro e organizado;

Tal item é assegurado pelo poder público municipal que detém o poder de concessão destes serviços.

II - a ampla divulgação das providências tomadas em relação ao acesso ao local da partida, seja em transporte público ou privado; e

Tal item é assegurado pelo poder público municipal que detém o poder de concessão destes serviços.

III - a organização das imediações do estádio em que será disputada a partida, bem como suas entradas e saídas, de modo a viabilizar, sempre que possível, o acesso seguro e rápido ao evento, na entrada, e aos meios de transporte, na saída.

Tal item é assegurado pela administração do estádio, quando em suas dependências e pelas autoridades públicas fora deste.

Art. 27. A entidade responsável pela organização da competição e a entidade de prática desportiva detentora do mando do jogo solicitarão formalmente, direto ou mediante convênio, ao Poder Público competente:

I - serviços de estacionamento para uso por torcedores partícipes durante a realização de eventos esportivos, assegurando a este acesso a serviço organizado de transporte para o estádio, ainda que oneroso; e

Em estudo.

II - meio de transporte, ainda que oneroso, para condução de idosos, crianças e pessoas portadoras de deficiência física aos estádios, partindo de locais de fácil acesso, previamente determinados.

Em estudo.

Parágrafo único. O cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a vinte mil pessoas.

O capítulo VII, sobre a alimentação e higiene aborda os artigos 28 e 29:

Art. 28. O torcedor partícipe tem direito à higiene e à qualidade das instalações físicas dos estádios e dos produtos alimentícios vendidos no local.



Vista das áreas internas destinadas a alimentação e serviços, dentro do estádio.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

§ 1º O Poder Público, por meio de seus órgãos de vigilância sanitária, verificará o cumprimento do disposto neste artigo, na forma da legislação em vigor. § 2º É vedado impor preços excessivos ou aumentar sem justa causa os preços dos produtos alimentícios comercializados no local de realização do evento esportivo.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

Art. 29. É direito do torcedor partícipe que os estádios possuam sanitários em número compatível com sua capacidade de público, em plenas condições de limpeza e funcionamento.

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

Parágrafo único. Os laudos de que trata o art. 23 deverão aferir o número de sanitários em condições de uso e emitir parecer sobre a sua compatibilidade com a capacidade de público do estádio.

O capítulo IX, que trata da relação com a entidade de prática desportiva, destaca no Artigo 33:

Art. 33. Sem prejuízo do disposto nesta Lei, cada entidade de prática desportiva fará publicar documento que contemple as diretrizes básicas de seu relacionamento com os torcedores, disciplinando, obrigatoriamente:

I - o acesso ao estádio e aos locais de venda dos ingressos;

O Clube Atlético Paranaense cumpre este item em eventos no seu estádio.

II - mecanismos de transparência financeira da entidade, inclusive com disposições relativas à realização de auditorias independentes, observado o disposto no art. 46-A da Lei nº 9.615, de 1998; e

Item a ser implementado

III - a comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva.

Item a ser implementado

Parágrafo único. A comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva de que trata o inciso III do caput poderá, dentre outras medidas, ocorrer mediante:

I - a instalação de uma ouvidoria estável;

II - a constituição de um órgão consultivo formado por torcedores não-sócios; ou

III - reconhecimento da figura do sócio-torcedor, com direitos mais restritos que os dos demais sócios.

O capítulo XII, sobre as disposições finais e transitórias, enfatiza no artigo 44:

Art. 44. O disposto nos artigos 22, 25 e 33 entrará em vigor após seis meses da publicação desta Lei.

5 ANÁLISE DETALHADA DO ASSUNTO ESTUDADO

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS RISCOS NO ESTÁDIO DE FUTEBOL

Esta fase consistirá no reconhecimento dos riscos que podem afetar o estádio e seus espectadores. Neste trabalho não nos ateremos aos riscos externos, tais como fenômenos políticos e econômicos do País, do mundo e do meio ambiente externo ao estádio. Será priorizada a identificação dos riscos físicos e de responsabilidade civil, que possam causar dano ao patrimônio, à imagem do Clube e aos espectadores.

O método utilizado para identificação dos riscos é o *check list* e inspeção *in loco*.

Para o *check list*, será utilizado o caderno de encartes da FIFA, Normas de Construção de Estádios, tratadas no item 4.1, e o Estatuto de Defesa do Torcedor, enfatizado no item 4.2, e inspecionamos o estádio por quatro vezes, inclusive em dias de jogos.

A seguir apresentaremos os riscos identificados:

5.1.1 Riscos de Incêndio

Risco identificado em alguns poucos pontos do estádio, tais como:

- a) escritório e depósito de material de construção, sobretudo por ser uma edificação composta de elementos combustíveis, tais como madeira em suas paredes e divisórias, além da carga incêndio representada pelo material referente às respectivas atividades;



Vista da entrada da torcida visitante, onde também vemos, na parte superior, os escritórios e depósito de material de construção com paredes em madeira.

- b) sala de jardinagem, onde há alguma quantidade de líquido inflamável para o trator de corte de grama, assim como manta de material combustível usada para cobrir o gramado;
- c) lanchonete das praças de alimentação, que trabalham com fogo direto (a gás) e com presença de material combustível, tal como o material constituído por embalagens de mercadorias;
- d) cabines de força onde há presença de transformadores com óleo combustível;
- e) presença de lixo (papéis), quando concentrados após a limpeza do estádio;
- f) não foi notado risco significativo de incêndio, advindo das vizinhanças;
- g) incêndio provocado por torcedores.

5.1.2 Risco de Explosão

- a) risco presente no estádio, devido à existência de gás encanado que serve as lanchonetes e caldeiras dos vestiários para geração de água quente;



Vista da central de gás em tanque subterrâneo.

- b) explosão de transformadores;
- c) caldeiras (boilers de água quente);
- d) explosão criminosa, provocada por torcedores;
- e) não se notou risco significativo de explosão advindo das vizinhanças.

5.1.3 Risco de Impacto de Veículo

Risco existente no estacionamento, porém de pouca expressão devido à robustez das estruturas

5.1.4 Risco de Queda de Aeronave

Risco existente, porém o estádio não se encontra em rota ou próximo a aeroportos.

5.1.5 Risco de Danos Elétricos

- a) existente nas cabines de força e torres de refletores. Nas demais dependências, é pouco significativo;
- b) especial atenção deve ser dada às instalações elétricas aparentes do depósito de material de construção;

5.1.6 Risco de Equipamentos Eletrônicos

Risco analisado à parte dos danos elétricos, visto a grande utilização nos dias atuais, diferenciando-se de danos elétricos por trabalhar em baixa voltagem;

- a) risco existente nos escritórios (equipamentos em geral);
- b) risco nas centrais telefônicas, cabines de som e imagem;
- c) aparelhos de telecomunicação.

5.1.7 Risco de Tumultos

Risco existente no estádio em dias de jogos, principalmente com grandes públicos, podendo ser causado por:

- a) acidentes advindos do próprio estádio;
- b) acidentes advindos de fora do estádio com falta de segurança;
- c) acidentes provocados por torcedores ou torcidas;
- d) pânico geral por qualquer causa;
- e) acidentes provocados por falta de utilidade, principalmente luz, energia e som;
- f) promovidos por espetáculos ou artistas;
- g) o local destinado à torcida adversária apresenta visão restrita em certos setores.

5.1.8 Risco de Vidros

Há significativa quantidade de vidro no estádio, principalmente nos camarotes e sala vip. Sendo laminados os vidros frontais e temperados os laterais, representando risco significativo se utilizados ou lançados contra os espectadores.

5.1.9 Risco de Roubo

Risco existente, porém sem grande expressão, pois não há objetos de grande valor ou procura para roubo, mais expressivo nos escritórios.

5.1.10 Risco de Roubo de Valores

Risco existente, principalmente nas bilheterias do estádio e no escritório. Geralmente esses roubos são cercados de extrema violência.

5.1.11 Risco de Desmoronamento

Risco resultante de qualquer falha construtiva, porém pouco provável devido à qualidade da construção, pouco mais presente na cobertura, que é de metal e telhas de P.V.C, porém com ótima estabilidade aparente e com manutenção adequada.

5.1.12 Risco de Quebra de Máquinas

Risco não significativo devido a pouca quantidade destes equipamentos no estádio.

5.1.13 Risco de Vazamento de Tubulações

Risco pouco significativo, representado pela rede de hidrantes e dutos de águas pluviais e consumo geral, especial atenção deve ser dado às calhas de águas pluviais.

5.1.14 Riscos da Natureza

5.1.14.1 Risco de Alagamento

Risco existente, pois o rio Água Verde passa sob o estacionamento do estádio e porque o estádio se encontra, talvez, em bacia hidrográfica.

5.1.14.2 Risco de Vendaval

Risco existente, sobretudo, em relação à estrutura de cobertura, assim como em relação aos fechamentos laterais em material leve. Tal risco se agrava porque parte do estádio ainda está aberto em seu contorno.



Vista da parte ainda a ser construída do estádio.

5.1.14.3 Risco de Granizo

Risco existente em relação à cobertura composta em telhas de P.V.C.

5.1.14.4 Risco de Raio

Risco existente, embora a proteção de nove pára-raios nos pontos mais altos nas seis torres dos elevadores e três torres de refletores de iluminação

5.1.14.5 Risco de Terremoto

Risco de probabilidade remota na região onde o estádio se situa.

5.1.15 Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis

É a perda financeira decorrente da paralisação das atividades exercidas no local em consequência de um acidente de dano material. Os riscos que podem paralisar as atividades são os mesmos que podem causar dano ao patrimônio e já identificados anteriormente nos itens 5.1.1 a 5.1.1.4.

5.1.16 Risco de Acidentes Pessoais

Risco existente em todo estádio, mas bastante reduzido por causa da qualidade construtiva e das normas de segurança seguidas. Mesmo assim estão presentes, pois não dependem somente das condições físicas e da segurança estática do estádio, mas também daquela proporcionada pelo pessoal de segurança, habilitado e capacitado em lidar com situações de risco. Algumas condições de risco:

- a) existência de fosso a separar as arquibancadas do campo;



Vista do fosso que separa as arquibancadas do campo de jogo.

- b) pouco espaço para o escoamento do público na saída da avenida Getúlio Vargas;

- c) existência do alambrado com elementos pontiagudos separando as torcidas, locais de cadeiras e arquibancadas;
- d) local de entrada dos protagonistas do jogo, sujeitos a receber objetos das arquibancadas.

5.1.17 Responsabilidade Civil

Todo promotor de eventos, esportivo ou não, presta conta a respeito de acidentes que ocorrem sob sua responsabilidade no estádio.

- a) há a responsabilidade civil sobre danos materiais causados a terceiros, dentro ou fora do estádio, desde que haja a responsabilidade do promotor do evento.

Os principais riscos dizem respeito:

- à existência, ao uso e à conservação do estádio;
- a produtos vendidos ou distribuídos no estádio;
- aos bens sob guarda do segurado (principalmente veículos).
- responsabilidade de diretores e dirigentes.

- b) há a responsabilidade sobre os danos pessoais causados a terceiros, dentro ou fora deste, desde que haja a responsabilidade do promotor do evento. Os principais riscos estão ligados:

- à existência, ao uso e à conservação do estádio;
- a produtos, alimentos e bebidas vendidas ou distribuídas dentro do estádio;
- a espectadores, protagonistas do espetáculo;
- falhas profissionais, médico, advogado, etc;
- a elevadores;
- a serviços de montagem, construção e manutenção;
- a antenas;
- dano moral;
- propaganda e publicidade;
- empregador;

5.2 AVALIAÇÃO DOS RISCOS

Identificados os riscos, nesta etapa se fará uma avaliação dos mesmos, levando em conta uma matriz de risco, onde é avaliada a frequência (probabilidade) com que ocorrem os riscos e sua gravidade (potencialidade). Serão levados em consideração três tipos de perdas: dos seres humanos (danos pessoais); perdas financeiras e perda de imagem do Clube.

QUADRO 1 – MATRIZ DE RISCO

FREQÜÊNCIA	PERÍODO
Remota	Considerada apenas pela existência.
Improvável	Ocorrência superior a 100 anos.
Possível	Ocorrência possível entre 10 e 100 anos ou não esperada nesta planta, contudo é possível que ocorra.
Ocasional	Ocorrência entre 1 e 10 anos, pelo menos uma vez
Freqüente	Ocorrência entre 0 e 1 ano, normalmente mais de uma vez.

QUADRO 2 – MATRIZ DE RISCO

GRAVIDADE	SER HUMANO (na empresa)	PERDA	IMAGEM
Desprezível	Pequenos acidentes pessoais, sem atendimento médico, somente ambulatorial no próprio estádio	Podem resultar numa perda de até US\$ 10,000.00. Não pára a produção.	De conhecimento do clube
Moderada	Lesões graves não incapacitantes, mas com necessidade de atendimento médico hospitalar por prazo inferior a 30 (trinta) dias	Podem resultar numa perda entre US\$10,000.00 e US\$ 100,000.00. Parada de produção menor que 1 dia.	De conhecimento do clube e dos meios esportivos locais
Crítica	Lesões graves não incapacitantes, com necessidade de atendimento hospitalar por mais de 30 (trinta) dias.	Podem resultar numa perda entre US\$ 100,000.00 e US\$ 500,000.00. Parada de produção menor que 15 dias	De conhecimento da comunidade local e meios esportivos nacionais
Catastrófica	Morte ou invalidez permanente	Podem resultar numa perda acima de US\$ 500,000.00. Parada de produção acima de 15 dias	De conhecimento público nacional e meios esportivo mundial

5.2.1 Risco de Incêndio

a) Ser humano.

Frequência improvável

Gravidade crítica.

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

*Consideramos de frequência improvável para pessoas, tendo em vista que os locais de risco dificilmente vitimariam pessoas.

b) Perda financeira

Frequência possível.

Gravidade crítica.

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência possível.

Gravidade crítica.

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.2 Risco de Explosão

a) Ser humano.

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.3 Risco de Impacto de Veículo

a) Ser humano.

Frequência Ocasional

Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Ocasional

Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Ocasional

Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.4 Risco de Queda de Aeronave

a) Ser humano.

Frequência Remoto

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito baixo	Muito baixo	Baixo

b) Perda financeira

Frequência Remoto

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito baixo	Muito baixo	Baixo

c) Imagem

Frequência Remoto

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito baixo	Muito baixo	Baixo

5.2.5 Risco de Danos Elétricos

a) Ser humano.

Frequência Possível

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Ocasional

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.6 Risco de Equipamento Eletrônico

a) Ser humano.

Frequência Ocasional

Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Ocasional

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Ocasional

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.7 Risco de Tumultos

a) Ser humano. Frequência Ocasional Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Frequência Ocasional Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Frequência Ocasional Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.8 Risco de Vidros

a) Ser humano.

Frequência Ocasional

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Ocasional

Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Ocasional

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.9 Risco de Roubo

a) Ser humano. Frequência Ocasional Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Frequência Ocasional Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Frequência Ocasional Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.10 Risco de Valores

a) Ser humano.

Frequência Ocasional

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Ocasional

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Ocasional

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.11 Risco de Desmoronamento

a) Ser humano. Freqüência Improvável Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQÜÊNCIA				
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Freqüência Improvável Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQÜÊNCIA				
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Freqüência Improvável Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQÜÊNCIA				
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.12 Risco de Quebra de Máquinas

a) Ser humano. Freqüência Improvável Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQÜÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Freqüência Possível Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQÜÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Freqüência Possível Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQÜÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Freqüente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.13 Risco de Vazamento de Tubulações

a) Ser humano. Freqüência Possível Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Freqüência Possível Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Freqüência Possível Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.14 Riscos da Natureza

5.2.14.1 Risco de Alagamento

a) Ser humano. Frequência Possível Gravidade Desprezível

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira Frequência Possível Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem Frequência Possível Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.14.2 Risco de Vendaval

a) Ser humano.

Frequência Possível

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Catastrófico

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.14.3 Risco de Granizo

a) Ser humano.

Frequência Possível

Gravidade Moderada

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQUÊNCIA				
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Moderada

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQUÊNCIA				
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Moderada

GRAVIDADE	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
FREQUÊNCIA				
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.14.4 Risco de Raio

a) Ser humano.

Frequência Improvável

Gravidade Crítica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Moderada

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.15 Risco de Terremoto

a) Ser humano.

Frequência Remota

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito Baixo	Muito Baixo	Baixo

Observação: Acrescentamos mais um nível de frequência (remota) para este risco, visto a região não ser afetada a este tipo de evento.

b) Perda financeira

Frequência Remota

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito Baixo	Muito Baixo	Baixo

c) Imagem

Frequência Remota

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio
Remoto	Muito baixo	Muito Baixo	Muito Baixo	Baixo

5.2.16 Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis

Para analisar a exposição de Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis decorrentes de acidente de danos materiais, haveria a necessidade de fazer uma matriz de risco para cada exposição, comentário já realizado nos itens 5.1.1 a 5.1.1.4, analisando desta feita o tempo de paralisação, bem como o tempo necessário para voltar aos níveis de atividade anterior ao sinistro.

Tais riscos estão ligados a:

- a) disponibilidade de recursos financeiros para reconstrução do bem sinistrado;
- b) disponibilidade de mão-de-obra e recursos técnicos para reconstrução;
- c) plano de contingência para volta das atividades o mais rápido possível;
- d) para minimizar os prejuízos, deverá haver um plano para aluguel de outra praça desportiva.

O risco de maior dano, quanto à paralisação e dentro de uma probabilidade, seria o risco de uma explosão, sem afetar as fundações da edificação, onde estimamos um tempo para desentulho e reconstrução de oito meses. Portanto este seria o período indenitário provável de maior exposição para a cobertura de Lucros Cessantes

5.2.17 Risco de Acidentes Pessoais

a) Ser humano.

Frequência Ocasional

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência ocasional

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.2.18 Responsabilidade Civil

a) Ser humano.

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

b) Perda financeira

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

c) Imagem

Frequência Possível

Gravidade Catastrófica

GRAVIDADE \ FREQUÊNCIA	DESPREZÍVEL	MODERADA	CRÍTICA	CATASTRÓFICA
Frequente	Médio	Alto	Muito alto	Muito alto
Ocasional	Baixo	Médio	Alto	Muito alto
Possível	Muito baixo	Baixo	Médio	Alto
Improvável	Muito baixo	Muito Baixo	Baixo	Médio

5.3 TRATAMENTO

5.3.1 Prevenção

5.3.1.1 Evitar os Riscos

Segundo WILLIANS et al. (s.d.), uma forma de controlar um determinado risco é evitar o imóvel, a pessoa ou a atividade que originaria o possível sinistro, ou recusando assumi-lo mesmo que temporariamente, ou descartando uma exposição ao risco assumido anteriormente. A primeira das atividades diz respeito à ação do *evitar pró-ativo*; a segunda é o *abandono*.

As práticas de gerenciamento de riscos governamentais e comerciais dão diversos exemplos de como evitar pró-ativamente. Certa vez, uma das maiores empresas químicas planejou conduzir uma série de experiências em uma área rural contendo uma pequena cidade. Enquanto se preparava para as experiências, os pesquisadores descobriram que o empreendimento poderia causar danos extensivos às propriedades da comunidade. Foi solicitado ao gerente de risco que ele contratasse um seguro contra esta possibilidade, mas poucas seguradoras estavam dispostas a dar cobertura para tal proteção, e os prêmios para o seguro ficariam maiores do que o valor que a empresa estava disposta a pagar. Conseqüentemente, a empresa decidiu não realizar tais experiências.

Recentemente, uma entidade governamental recebeu como herança um pequeno parque de diversões. O parque, que continha vários brinquedos antiquados para crianças, foi inspecionado por um gerente de risco que determinou que os brinquedos eram extremamente perigosos. Após algumas negociações entre o governo e o testamenteiro da propriedade, este decidiu vender os brinquedos ao ferro velho e doar a propriedade ao governo. O governo converteu a propriedade em um estacionamento ao ar livre, que continha vários jardins, fontes e trilhas para caminhadas. Neste caso, pode-se argumentar que o governo não evitou a origem do risco (o parque) pró-ativamente, mas evitou os perigos (os brinquedos). Através dos

exemplos, os leitores poderão observar que a evitar nem sempre é uma questão nítida. De fato, em muitas circunstâncias, evitar com êxito pode ser tanto uma questão de como o risco é definido quanto uma questão da aplicação da técnica.

Evitar mediante o *abandono*, talvez, não seja tão comum como a evitação pró-ativa, mas ocorre. Um gerente de risco de uma universidade pode recomendar que não sejam servidas bebidas alcoólicas em eventos apoiados pela universidade por causa da *dram shop liability* (lei de responsabilidade das lojas de bebidas alcoólicas). Uma empresa farmacêutica pode optar pela interrupção da produção de certo produto quando houver indícios de efeitos colaterais graves, ou desconhecidos. Uma empresa de administração de apartamentos pode optar pela remoção de uma piscina de suas dependências após descobrir que a maioria de seus locatários tem filhos pequenos.

Evitar é uma abordagem efetiva para o manuseio de um risco. Evitando-se um risco, a organização sabe que não terá sinistros potenciais ou a incerteza que um sinistro possa gerar. Entretanto, também perde os benefícios que poderiam ter sido gerados a partir daquele risco. De fato, precisamente por este motivo torna a evitação uma opção não aceitável. Uma certa atividade – a produção de algum produto, o fornecimento de algum serviço – pode resultar em recompensas econômicas cujo valor estimado excede em muito os custos de sinistros potenciais na margem.

Há outras circunstâncias quanto ao evitar que se torna totalmente inviável. Quanto mais definido o risco é (danos à propriedade), mais provável será este o caso. Por exemplo, a única forma que uma organização pode evitar danos à propriedade é vender todos os seus bens físicos. Ou, o risco mais significativo enfrentado pela maioria dos estudantes universitários é o seu potencial de rendimentos futuros, um risco que não pode ser evitado. Mais especificamente, os governos e especialmente os tribunais podem impor expectativas judiciais que não podem ser evitadas. Um empregador não pode evitar os custos envolvidos no risco de desemprego porque a participação no programa de seguro desemprego é obrigatória. A Entidade de Saúde e Segurança Ocupacional impõe o risco de multas aos empregadores que não satisfazem os padrões de segurança. Finalmente, tais conceitos legais como

responsabilidade estrita podem impor uma obrigação potencial ou dever sobre aquela organização que não poderá ser evitada.

Segundo os autores supracitados, o contexto da decisão para evitar também pode tornar esta prática impossível. Um risco não existe em um vácuo e, na verdade, a decisão para evitar um risco pode criar um novo risco em outra área ou aumentar um risco existente. Por exemplo, a prefeitura de uma cidade foi informada de que uma das duas pontes que atravessam o rio no centro da cidade estava em estado grave e precisava urgentemente de reparos. A prefeitura decidiu fechar a ponte e desviar o trânsito à segunda ponte. O aumento no volume de tráfego aumentou a probabilidade de danos à segunda ponte, e após um ano a ponte caiu. Os riscos que a maioria das organizações encontra geralmente estão correlacionados de alguma forma, e a remoção de um pode, adversamente, afetar os riscos remanescentes na carteira de riscos.

Finalmente, um risco pode ser tão essencial à existência de uma organização que o evitar não pode ser considerado. Uma preocupação na exploração mineira pode ser evitar o risco de colapso de um túnel, mas a evitação verdadeira seria não conduzir negócios nesta área.

De maneira geral, os riscos identificados para o estádio não mais são passíveis de evitá-los ou eliminá-los, pois esta fase em geral é considerada na concepção do projeto e na sua elaboração, por exemplo, o risco de alagamento poderia ter sido evitado se o estádio fosse construído em local alto não sujeito a cheias de rios.

O que poderemos evitar são as condições de agravação de risco, por exemplo não permitir certas atividades no estádio, tipos de espetáculos, excesso de capacidade, utilização para fins outros que não aqueles para o que o estádio foi construído.

5.3.1.2 Redução

Os programas de redução de perdas são projetados para reduzir a gravidade potencial de uma perda. Um sistema pulverizador de água (contra incêndio) é um exemplo clássico de um esforço de redução de perda, porque o fogo é necessário para acionar os pulverizadores, mas este sistema não reduz a probabilidade de perda. De

fato, um sistema pulverizador de água reduz a extensão dos danos causados pelo fogo.

Segundo WILLIANS et al. (s.d.), atividades de redução de perda são medidas tomadas antes da implementação de um programa de intervenção. Apesar de tais medidas serem planejadas antes de tal perda, o seu objetivo ou propósito é minimizar o impacto das perdas que possam ocorrer. Os programas de redução de perdas são uma concessão implícita pelo gerente de risco de que algumas perdas irão ocorrer apesar dos melhores esforços de uma organização. Portanto, medidas devem ser adotadas para controlar a perda e reduzir a sua gravidade potencial.

Em se considerando uma cadeia de riscos, os primeiros elos na cadeia, o perigo, o ambiente na qual o perigo existe, e a interação entre o perigo e o ambiente. Às vezes, a redução de perda enfoca o terceiro elo, mas geralmente enfoca o quarto e quinto elos: o resultado da interação e as conseqüências do resultado. Um esforço de redução de perda pode endereçar o elo de interação somente na extensão em que uma medida intervém para evitar uma perda em andamento. Um sistema de combate a incêndio com agente limpo (gasoso) é uma boa ilustração: a interação entre o perigo e o ambiente resulta na incineração de materiais inflamáveis. Enquanto ocorre essa interação, o sistema gasoso de combate a incêndio reage e reduz o impacto final de um incêndio.

O quarto e quinto elos são endereçados após a ocorrência de uma perda e o gerente de risco deve minimizar o resultado e as conseqüências de uma perda. Por exemplo, um trabalhador sofre sérias queimaduras em seus braços e em suas pernas. Uma medida para reduzir a perda é assegurar que o trabalhador seja enviado imediatamente à unidade de queimados com a especialidade adequada.

Uma medida de redução de perda geralmente utilizada é o *salvamento*⁴. Raramente uma perda será total, e um gerente de risco poderá minimizar a perda mediante o salvamento de um imóvel. Um carro pode ser vendido ao ferro velho, e uma parte de um equipamento danificado, mas que pode ser consertada e pode ser vendida como usada. As seguradoras utilizam salvamentos de forma extensiva para

⁴ Ou recuperação.

minimizar o impacto das perdas que pagam, e os gerentes de risco utilizam esta mesma técnica na redução de perdas.

5.3.1.2.1 Risco de Incêndio

Pela matriz de risco, considera-se o risco de incêndio para a exposição, a perda financeira como média. Podemos reduzi-lo com algumas medidas mitigatórias, por exemplo:

- a) avisadores de incêndio no escritório e no depósito de material de construção;
- b) substituir os materiais de construção do escritório em madeira por alvenaria, assim como proteger as instalações elétricas do depósito de material de construção (anexo ao escritório);
- c) manter vigilância no estádio 24 horas;
- d) manter revistas na entrada dos torcedores.

5.3.1.2.2 Risco de Explosão

Risco considerado alto para todos as exposições por causa de sua gravidade, pois o mesmo ocorre em dado instante e em sua potência máxima, não havendo como atuar durante sua ocorrência.

Pode-se reduzir sua exposição com ações de manutenção mais freqüentes ou, em casos mais críticos, com dispositivos de detecção de gases, o que não é o caso.

5.3.1.2.3 Risco de Impacto de Veículos

Risco considerado de exposição baixa para todos os tipos de perdas.

Tal risco pode ser reduzido com boa sinalização e orientação com letreiros nos estacionamentos.

5.3.1.2.4 Risco de Queda de Aeronave

Risco considerado baixo porque sua frequência é remota, não obstante em dia de jogos de maior apelo haver sobrevôos de pequenas aeronaves e helicópteros.

Como medida de segurança, seria interessante manter uma boa manutenção de luzes sinalizadoras sobre as torres do estádio.

5.3.1.2.5 Risco de Danos Elétricos

Risco considerado de exposição média, mais presente para pessoas em caso de acidente, devido à sua gravidade; importante também para a imagem no caso de falta de energia durante um espetáculo, por falhas técnicas ou de manutenção, sendo sempre recomendado manter as boas condições de:

- a) manutenção;
- b) isolamento dos equipamentos energizados do público.

5.3.1.2.6 Risco de Equipamento Eletrônico

Maior grau de risco e quanto à imagem, pois está ligado ao trabalho da imprensa escrita e/ou falada (principalmente quanto à telefonia).

Para a redução de risco deve se observar a boa manutenção.

5.3.1.2.7 Risco de Tumultos

Risco considerado de exposição muito alta para o ser humano e imagem, e alto para perda financeira.

Para que este risco seja reduzido, é necessário que:

- a) não haja superlotação. Deverá ser assegurada a impossibilidade de ingressos falsos e de invasão;
- b) os equipamentos do estádio devem estar em perfeita ordem de conservação e uso (equipamentos de incêndio, segurança, utilidades, limpeza, etc.);
- c) haja um plano de ação treinado em caso de tumultos;

- d) seja melhorado o escoamento de público do estádio, mais notadamente na saída da avenida Getúlio Vargas;



Vista da saída da Av. Getúlio Vargas.

- e) o sistema de som esteja presente em todo o estádio, também na parte externa, mas com bloqueio visto as vizinhanças, para comunicação com o público em caso de tumultos ou necessidade, tanto interiormente quanto exteriormente ao estádio, principalmente nas entradas/saídas;
- f) seja estudada a instalação de telões ou placares eletrônicos para comunicação com o público, o qual poderá ser usado como orientação em caso de tumultos. Deverão ser programadas mensagens de emergência;
- g) haja instalação de câmeras em todo o estádio, cobrindo os pontos de maior risco, entradas/saídas, setores divisórios de torcidas, cercas junto aos fossos, diferenças de níveis, torcidas organizadas, etc. Tal sistema deve ser utilizado para prevenção, portanto deve haver uma central com acompanhamento em tempo real e com comunicação com as diversas áreas para atuação imediata;
- h) haja número de seguranças (particular e pública) em quantidade suficiente para o número de espectadores que assistirão ao espetáculo, este efetivo

deve ser dimensionado junto com as autoridades públicas. É de extrema importância a revista realizada pela polícia na entrada do estádio.

- i) somente seja vendido o número de ingressos correspondentes ao número de lugares que tenham visão total do campo de jogo, principalmente no local destinado à torcida adversária.

5.3.1.2.8 Riscos de Vidros

Risco de exposição baixa para perda financeira e média para o ser humano e de imagem, visto que seu mau uso poderá ferir ou até cegar alguma pessoa, principalmente quando usado como arma em um tumulto.

Como medida de maior segurança, tais áreas só devem ser utilizadas por torcedores amistosos.

5.3.1.2.9 Risco de Roubo

Risco considerado de exposição baixa para o ser humano e de perda financeira e média para a imagem do clube.

Para reduzir a exposição, seria necessário melhorar a vigilância e/ou estender o alcance do sistema vídeo para as todas as áreas de risco.

5.3.1.2.10 Risco de Valores

Risco considerado de grau alto para todas as exposições de perdas.

Para redução de seu grau de risco, não devem permanecer nas bilheterias e no estádio grandes somas em dinheiro, devendo haver um processo sigiloso de manuseio e de guarda (em cofres boca de lobo). Esse processo deve ser revisto em curtos espaços de tempo. Uma vigilância ostensiva deve ser usada, mas sempre com grande segurança em relação ao público.

5.3.1.2.11 Risco de desmoronamento

Risco considerado de grau médio por causa de sua gravidade, embora seja improvável.

A redução deste risco está intimamente ligada à manutenção do estádio e mais notadamente à sua cobertura, que é constituída de material leve.

5.3.1.2.12 Risco de Quebra de Máquina

Risco considerado muito baixo para o ser humano e para perda financeira, e médio para a imagem do clube, caso durante um jogo noturno, o sistema de iluminação venha a sofrer paralisação por problemas em máquinas.

Pode ser estudada a instalação de geradores de emergência, para o caso de falta de energia elétrica

A redução deste risco está ligada à boa manutenção.

5.3.1.2.13 Risco de Vazamento de Tubulações

Risco considerado muito baixo para todas as exposições; sua redução está ligada à boa manutenção.

5.3.1.2.14 Risco de Alagamento

Risco considerado muito baixo para o ser humano e médio para a imagem e a perda financeira. A perda financeira seria maior no caso de responsabilidade civil quanto a carros estacionados sob guarda do clube, não obstante ter-se de comprovar a responsabilidade, visto ser um ato da natureza.

A redução estaria ligada:

- a) à limpeza do canal do rio;
- b) à possibilidade do fechamento das bocas-de-lobo, caso haja transbordamento do canal;
- c) ao impedimento de invasão do estádio da água proveniente das vizinhanças (já houve ocasiões de entrada de água pela rua Buenos Aires);

- d) à condução da água, que porventura entrar no estádio, a um local mais baixo, onde deve haver bombas de recalque que levem esta água para fora do estádio, em local seguro.

5.3.1.2.15 Vendaval/Ventos Fortes

Risco considerado médio para todos os tipos de exposição de perda. Sua redução está ligada:

- a) ao término do estádio, evitando deixar partes abertas e sujeitas a uma maior pressão direta dos ventos;
- b) à manutenção eficiente.

5.3.1.2.16 Granizo

Risco considerado baixo para todas as perdas analisadas. Sua redução está ligada a uma perfeita manutenção das telhas de P.V.C., as quais, com o passar do tempo, podem ser tornar menos resistentes a impactos.

5.3.1.2.17 Risco de Raio

Risco considerado baixo para todas as exposições analisadas. Para sua redução, deverá ser certificado que os pára-raios existentes dão cobertura a todos os locais. Importante é a boa manutenção destes equipamentos, lembrando sempre que um para-raio mal instalado é uma arma contra a empresa.

5.3.1.2.18 Risco de Terremoto

Risco considerado baixo para todas as exposições de perda, embora de gravidade catastrófica, visto que a região sul do país esteja enquadrada (em nível zero

de 0 a 4, fonte Cresta), ou seja, o nível mais baixo de susceptibilidade a este fenômeno.

5.3.1.2.19 Lucros Cessantes/Despesas Perduráveis

A redução de perdas em relação à parada de atividades e, em consequência, em relação à perda de lucro e pagamento de despesas que perduram após um sinistro, seria primeiramente a redução dos riscos que causam a paralisação e, em segundo lugar, por meio de planos de contingência para a volta mais rápida e a atividade normal. A elaboração destes planos deve envolver todas as áreas do Clube e devem ser formalizadas.

5.3.1.2.20 Risco de Acidentes Pessoais

Risco considerado de exposição muito alta para o ser humano e para a imagem e alto para a perda financeira. Para reduzir este risco seria recomendável:

- a) a colocação de cadeiras em todo o estádio, para diminuir a possibilidade de aglomerações que muitas vezes provocam o efeito avalanche;
- b) que os alambrados que separam as torcidas e o setor de cadeiras de arquibancadas não tenham elementos ponte agudos;
- c) que as placas publicitárias não ofereçam riscos aos protagonistas do espetáculo e ao público, caso haja escoamento para dentro do campo;
- d) que para a separação do público das arquibancadas do campo de jogo, seja utilizado fosso; neste há uma rede para proteção de queda de algum expectador, que é uma medida de segurança, mas que deve estar sempre em bom estado de conservação;
- e) que seja instalado um sistema de proteção aos protagonistas do espetáculo no local de entrada saída dos vestiários, exemplo túnel inflável ou proteção similar;



Vista do local onde sugerimos proteção por túneis telescópicos.

- f) que seja equacionado o problema do escoamento do público pela saída da avenida Getúlio Vargas. Caso tal local não possa ter maior espaço (aquisição do terreno contíguo) como medida de melhoria, poderia ser estudada a transferência das cabines de venda de ingressos para o lado oposto ao atual, eliminando um ponto de desvio de fluxo de pessoas;
- g) que além das ambulâncias exigidas pelo código do torcedor, o estádio mantenha uma sala de primeiros socorros, com todo material necessário;
- h) todas as normas de segurança devem ser cumpridas, tanto em relação ao estádio, quanto às normas da FIFA e do Código de Defesa do Torcedor.



Vista das arquibancadas em dia de jogo de grande público.

5.3.1.2.21 Risco de Responsabilidade Civil

Este risco foi classificado como alto para todas as exposições, visto que é conseqüente de acidentes dentro e fora do estádio, desde que haja a responsabilidade.

Para redução destes riscos devem ser obedecidas todas as normas com relação a segurança do estádio e do espetáculo; deve-se seguir o recomendado para danos pessoais e também com relação a danos materiais, estes mais específicos fora do estádio, visto que dificilmente alguém entra no estádio com bens materiais, exceto a imprensa.

É de fundamental importância que seja criado um banco de dados de acidentes ou incidentes ocorridos no estádio ou decorrentes de seus eventos. Tal controle deverá ser formalizado e padronizado contemplando todos os dados da ocorrência, assim como relatado as estimativas de perdas, tanto financeira, material ou pessoal como de imagem.

5.3.2 Financiamento de Risco

Segundo CICCIO e FANTAZZINI (1985), uma empresa deve ter como ação prioritária prevenir os riscos e controlar as perdas. No entanto, alguns riscos permanecem e estes precisam ser financiados por meio de ações de financiamento de riscos que abrangem a retenção de riscos, a auto-adoção, o auto-seguro e a transferência de riscos a terceiros (sem seguro e através de seguro), como se verá a seguir.

5.3.2.1 Retenção de Riscos

Os autores supracitados definem a retenção de riscos “como um plano financeiro da própria empresa para enfrentar perdas acidentais.” (p. 135). Eles classificam as formas de retenção de risco em: auto-adoção (intencional e não-intencional) e auto-seguro (parcial e total). E diferenciam o auto-seguro da auto-adoção de riscos pela especificação de que a auto-adoção de riscos não requer planejamento formal ou um fundo financeiro de reserva para perdas.

De acordo com CICCIO e FANTAZZINI (1985), em geral, as empresas adotam as seguintes ações de retenção de riscos:

- a) resolver assumir todas as perdas de determinado tipo;
- b) resolver assumir perdas somente até um certo valor e transferir o que sobra ao seguro;
- c) resolver determinar fundos de reserva anterior ou posteriormente às perdas.

A auto-adoção de riscos apresenta-se:

- a) com plano intencional de financiamento de riscos;
- b) sem ação intencional ou sem plano organizado.

5.3.2.1.1 Auto-adoção

CICCIO e FANTAZZINI (1985) explicam que uma empresa estará realizando uma auto-adoção de riscos quando ela pode aceitar deliberadamente as perdas inseqüentes, que são aquelas que ela consegue suportar financeiramente, exemplo: risco de colisão de veículos utilizados, acima de cinco anos, pois despesas desse porte são previstas no capital de giro da empresa porque são contadas como parte do tipo de negócio. Caso a empresa transferisse os riscos para o segurador, o prêmio por ele cobrado seria muito alto para cobrir as perdas esperadas. Ocorre, no entanto, que, algumas vezes, a auto-adoção de riscos não é planejada pelo proprietário de uma empresa e isso pode trazer sérias conseqüências financeiras.

Nossa avaliação para o tratamento, através de auto-adoção, é para os seguintes riscos:

- a) impacto de veículos. Indica-se o financiamento deste risco através da auto-adoção, tendo em vista a baixa exposição para todos as perdas, considerando pessoas, danos materiais e imagem;
- b) queda de aeronave. Tendo em vista a baixa exposição, indica-se a auto-adoção, até porque no caso de danos por queda de uma grande aeronave, haverá o seguro de Responsabilidade Civil da aeronave;

- c) danos elétricos. Tendo em vista a média exposição para todas as perdas consideradas, indica-se a retenção deste risco através da auto-adoção;
- d) equipamentos eletrônicos. Risco de exposição baixa para o ser humano e média para o dano material e de imagem. Indica-se a retenção de risco através de risco auto-adoção;
- e) vidros. Tendo em vista a média exposição para pessoas, danos e imagem, e baixo para a perda material, indica-se a retenção desse risco através da sua auto-adoção;
- f) roubo. Risco considerado baixo para o ser humano danos material, e médio para a imagem do Clube. Indica-se a retenção de risco através da auto-adoção;
- g) valores. Risco considerado alto para todas as exposições. Muitas vezes são cercados de violência, o que poderia ocasionar sérios acidentes às pessoas, mas este risco será tratado seguro de Responsabilidade Civil. Portanto, embora o risco seja alto, indica-se o financiamento através da auto-adoção e até porque o custo do seguro de valores ficaria bastante elevado, lembrando sempre das medidas para redução de risco, tratadas no item 5.3.1.2;
- h) desmoronamento. Embora a gravidade da exposição ser catastrófica, sua probabilidade é bastante improvável, vista a qualidade da construção. Portanto, a indicação para este tipo de risco é a auto-adoção;
- i) quebra de máquinas. Risco considerado muito baixo tendo em vista a reduzida probabilidade e potencialidade. Pode-se considerar de média exposição para a imagem do Clube em caso de falha no sistema de iluminação em jogo importante. Para este risco, a indicação é de financiamento através da auto-adoção;
- j) vazamento de tubulações: Risco considerado muito baixo para pessoas, e médio para danos materiais e de imagem, portanto a indicação para este risco é a auto-adoção. Tal risco seria mais significativo para os veículos no

estacionamento, mas se tratará desta perda no seguro de Responsabilidade Civil Garagista;

k) Riscos da Natureza.

- alagamento. Risco considerado de grau muito baixo para pessoas e médio para danos materiais e de imagem, portanto a indicação para este risco é a auto-adoção. Tal risco seria mais significativo para os veículos no estacionamento, mas trataremos desta perda no seguro de Responsabilidade Civil Garagista;
- terremoto. Embora a gravidade deste evento ser catastrófica, sua probabilidade é bastante remota, visto a região sul do Brasil não ser afetada por este tipo de evento. Portanto, a indicação para este risco é a auto-adoção.

l) lucros cessantes/despesas perduráveis. Tendo em vista que as receitas atuais do Clube, que vêm diretamente do estádio, tais como vendas, locação de cadeiras, renda dos jogos, publicidade, material de propaganda, comida, bebida, hoje não ser a principal fonte de renda do Clube, com uma arrecadação em torno de R\$ 2.400.000,00 mais despesas fixas em torno de R\$ 600.000,00 o prejuízo seria de R\$ 3.000.000,00 pela paralisação. Assim recomenda-se a auto-adoção do risco.

5.3.2.1.2 Auto-seguro

No caso do auto-seguro, em geral ocorre a sujeição das mesmas circunstâncias da auto-adoção. Tais riscos necessitam de planejamento financeiro. É preciso organizar fundos de reserva para perdas e medidas adicionais de controle financeiro interno. Se isso não ocorrer, a empresa, de modo consciente ou não, estará utilizando o método de auto-adoção.

CICCO e FANTAZZINI (1985, p. 136) aconselham que:

Não se deve considerar que o método de auto-seguro é uma forma exclusiva de financiamento de riscos. A regra geral é que deve ser adotado, simultaneamente, mais de um método de financiamento. Por exemplo, uma empresa pode assumir os riscos de colisão e

roubo de veículos, com uma franquia máxima, e transferir o excedente ao seguro. Pode, ainda, adotar o auto-seguro para as perdas físicas e transferir o risco de responsabilidade civil ao seguro. Outro exemplo de auto-seguro parcial é encontrado no sistema “taxação retrospectiva” que, infelizmente, pelo menos no momento, dificilmente pode ser adotado no Brasil.

Quanto à “taxação retrospectiva”, os autores consideram uma ótima alternativa, no âmbito do Seguro de Acidentes do Trabalho, para dar às empresas um incentivo à ampliação das ações de prevenção e controle de riscos. Em geral, significa que a empresa segurada compartilha com o segurador uma parte das perdas totais.

Os autores acima citados explicam:

Aloca-se o custo total da garantia em função do coeficiente de perdas sofridas pela empresa. Existe um prêmio mínimo básico e um prêmio máximo. O prêmio real só é definido no final do período de vigência da apólice e das contas da experiência, quando as perdas são conhecidas. Quanto maior o coeficiente de perdas, maior será o prêmio a ser cobrado, e vice-versa. Da mesma forma como a franquia, a “taxação retrospectiva” concede à empresa uma taxa reduzida e, conseqüentemente, um menor custo, ao assumir parte das perdas. É importante lembrar que o montante dessa economia depende da eficiência das medidas de prevenção e controle adotadas pela organização.

Dentre as razões pelas quais uma empresa adota o auto-seguro estão as seguintes:

- a) restringir despesas que decorrem da transferência de riscos, especialmente por meio do seguro;
- b) desenvolver ações de prevenção e controlar perdas;
- c) possibilitar o alcance rápido na liquidação dos sinistros;
- d) agilizar os riscos referentes à identificação, análise e avaliação de riscos que em geral são prestados por corretores e seguradores;
- e) a falta de garantia necessária para cobrir determinado risco no mercado.

CICCO e FANTAZZINI (1985) lembram que existem alguns requisitos básicos que devem ser observados pela empresa antes que ela adote o auto-seguro. São eles:

- a) o risco de perda, que envolve um conjunto homogêneo de objetos; precisa ser grande o bastante e de tal forma situado que perdas médias sejam

previstas dentro de intervalos de confiança restritos, e que os bens estejam dispersos geograficamente para que um único risco não destrua todos ao mesmo tempo;

- b) a empresa deve criar fundos de reservas para perdas, sem que estes dificultem as operações normais, para que o tipo de exposição a risco a ser auto-segurado abranja um valor baixo de bens de valor financeiro de modo a não ocorrerem perdas catastróficas;
- c) a empresa precisa ter consciência de que, além de administrar seu programa de auto-seguro, precisa identificar e analisar os riscos: o investimento dos fundos de reserva, a conservação dos arquivos estatísticos, a liquidação e a administração das perdas e, principalmente, a adoção de medidas de segurança e prevenção.

CICCO e FANTAZZINI (1985, p. 138) destacam que, mesmo transferindo os riscos ao seguro, não convém que a empresa transfira todos eles. Indicam uma regra geral com as seguintes possibilidades:

- (I) - baixa freqüência, alta gravidade;
- (II) - baixa freqüência, baixa gravidade;
- (III) - alta freqüência, alta gravidade;
- (IV) - alta freqüência, baixa gravidade.

A regra determina que só os riscos relacionados à categoria I precisam ser considerados sujeitos à transferência. Os demais riscos precisam, provavelmente, ser detidos por meio da auto-adoção ou auto-seguro.

Conforme se viu, o financiamento através do auto-seguro requer um maior profissionalismo e a presença de profissionais da área. Como este tipo de administração ainda não é habitual nas empresas, não se sugerirá sua adoção mais detalhadamente, mas isso seria passível de estudo para os seguintes riscos: danos elétricos, equipamentos eletrônicos, terremotos, vidros, roubos e quebra de máquinas.

5.3.2.2 Transferência do Risco

Uma organização pode transferir riscos a terceiros de duas formas: sem seguro por meio de contratos e acordos ou por meio de seguro.

5.3.2.2.1 Sem Seguro

CICCO e FANTAZZINI (1985) explicam que a transferência de risco sem seguro através de contratos e acordos em geral ocorre através de contratos específicos nos quais são determinadas responsabilidades, obrigações e garantias das duas partes. Esse tipo de transferência em geral ocorre em serviços de construção e transportes, entre outros. Quando a transferência é realizada de modo consciente, é imprescindível que o gerente de riscos participe da elaboração dos termos do contrato, analise e defina se o custo-benefício da transferência realmente beneficia a empresa.

Este tipo de transferência, no caso do estádio do Clube Atlético Paranaense, pode ser indicado para as obras de construção e montagens que serão efetuadas quando da ampliação do estádio, com a obrigatoriedade da contratação do Seguro de Riscos de Engenharia com cobertura de *Advance Loss off Profit* (ALOP, similar à perda de receita esperada) e Responsabilidade Civil do Construtor, pela construtora.

O Seguro de Responsabilidade Civil de Guarda de Veículos deverá ser repassado para a empresa que explora estes serviços no estádio. Deverá ser assegurado que as importâncias seguradas sejam compatíveis com as estimativas de perdas.

O Seguro de Responsabilidade Civil de Produtos vendidos ou distribuídos no estádio deverá assegurar que as importâncias seguradas sejam compatíveis com as estimativas de perdas.

Sempre que houver um evento que não de responsabilidade do Clube, deverá ser exigida uma apólice de Responsabilidade Civil, cobrindo danos aos espectadores, artistas e ao patrimônio do estádio.

5.3.2.2.2 Seguro

Para que a transferência dos riscos puros e especulativos se efetue, o método mais comum é o seguro. Desde o momento em que a organização transferiu ao seguro certos riscos, começa a Administração de Seguros.

CICCO e FANTAZZINI (1985) complementam todos os itens citados considerando que a aquisição de seguros deve ser preparada com cuidado e junto com o corretor de seguros. Estabelecem itens importantes que fazem parte de cuidados, como:

- a) realizar levantamentos e inspeções técnicas para classificar os riscos que serão transferidos e coletar as informações que contribuam com a emissão correta das apólices junto à seguradora;
- b) analisar as condições dos seguros que se aplicam a cada risco a ser transferido e definir a aplicação das franquias ideais que precisam se submeter aos requisitos do programa de auto-seguro;
- c) investigar as alterações a se fazer para que se adapte às condições do seguro ao risco específico a ser transferido;
- d) determinar corretamente, conforme as condições contratuais, as importâncias de cada seguro e determinar o critério de atualização das importâncias seguradas no período de vigência previsto para o seguro;
- e) solicitar, através do corretor e da seguradora escolhida, ao Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) a aprovação para que as alterações sejam efetuadas por meio de aplicação de condições especiais ou particulares;

- f) tendo por base as cotações de taxas e prêmios aplicáveis, deve ser estabelecido o orçamento final dos seguros e analisados os eventuais financiamentos e parcelamentos de prêmios;
- g) após ajustar os seguros aos riscos e preparar a empresa para assumir suas obrigações previstas nos contratos de seguro, as apólices devem ser emitidas pelas seguradoras-líderes escolhidas. Essas apólices devem ser conferidas para que não surjam problemas numa possível liquidação de sinistro.

CICCO e FANTAZZINI (1985, p. 140) consideram ainda que o Departamento de Gerência de Riscos “deve se constituir por profissionais das áreas de Engenharia de Segurança e de Administração de Seguros da empresa, em âmbito de assessoria (“staff”) da alta direção”. Enfatizam também que todas as pessoas-chave da organização devem apoiar o responsável por esse Departamento. Desse modo, o trabalho será eficaz desde a identificação dos riscos até a administração dos seguros.

São indicados para financiamento através do seguro:

- a) riscos de incêndio. A exposição ao risco de incêndio é considerada baixa para pessoas, média para imagem do clube e para dano material, mesmo assim indica-se a transferência para o seguro.

Considerando-se que o custo atual de reconstrução do estádio é de R\$ 45.000.000,00 e fazendo-se uma análise de perdas, a estimativa de Dano Máximo Provável (D.M.P.) ficaria entre 1% e 2% e de Perda Máxima Possível (P.M.P.) entre 5% a 10%, perdas estas bastante reduzidas pela baixíssima carga incêndio existente, teríamos uma perda máxima situada em torno de R\$ 3.000.000,00. Pelo valor até certo ponto significativo e pela necessidade de reconstrução imediata, indica-se a contratação de seguro, até porque os custos de seguro não são elevados, em torno de R\$ 15.000,00/ano incluindo neste custo as coberturas de explosão e raio;

- b) risco de explosão. Risco de exposição alta, sobretudo pela potencialidade do evento. Como estimativa de perdas temos um D.M.P. em torno de 5% e uma P.M.P. em torno de 20%, podendo chegar a uma perda de R\$ 9.000.000,00. Pelos valores significativos de estimativa de perda, indica-se a contratação de seguro. Este seguro geralmente é contratado junto ao seguro de incêndio. A estimativa de custo já foi comentada na garantia de incêndio;
- c) risco de raio. Embora seja um risco de exposição baixa para todas as perdas, sugere-se a contratação de seguro, visto que esta cobertura securitária é contemplada junto a garantia de incêndio, com custo adicional pouco significativo;
- d) risco de tumultos. Risco de exposição muito alta para pessoas e imagem do clube e alta para perda financeira.
Indica-se o financiamento deste risco através do seguro devido à perda financeira por danos materiais. Para o risco com pessoas e a perda de imagem, devem receber tratamento no seguro Responsabilidade Civil;
- e) risco de vendaval. Risco considerado médio para danos pessoais e de imagem e alto para perda financeira, devido à potencialidade de danos do evento. Fazendo uma análise de perdas e considerando o custo de construção da estrutura e cobertura do estádio em R\$ 5.300.000,00, estimando um D.M.P. de 10% e uma P.M.P. de 50%, os danos atingiram R\$ 2.650.000,00. Para este risco indica-se o seguro com uma estimativa de custo em torno de R\$ 5.000,00/ano;
- f) granizo. Risco de exposição baixa, mas aconselha-se a contratação de seguro, visto esta cobertura ser uma agregada da cobertura de vendaval e, em geral, já vem contemplado no custo daquela garantia;
- g) acidentes pessoais, Atualmente este seguro é agregado na compra do ingresso pelos espectadores, com um valor fixo por espectador. Tais valores podem não ser suficiente para cobrir a perda financeira decorrente

da incapacitação de uma destas pessoas, portanto sugere-se a contratação de um seguro de Responsabilidade Civil;

h) responsabilidade civil. Dentre os riscos transferidos para o seguro, considera-se que este é o de maior necessidade e exposição, principalmente quanto a possibilidade de danos aos espectadores que comparecerem aos espetáculos. As verbas, para esta garantia, devem ser adequadas para suportar responsabilidades pelas quais o Clube venha a ser responsabilizado em caso de acidente. Além dos riscos que um espectador está sujeito dentro do estádio, há aqueles que terceiros podem sofrer fora do estádio, pela existência uso e conservação do imóvel. No item 5.1.17 estão discriminadas as principais exposições aos riscos de responsabilidade civil. Considera-se que a verba (Importância Segurada) para o seguro de responsabilidade civil não deveria ser inferior a US\$ 10,000,000.00, podendo haver sub-limite para exposições de menor perda, com um custo estimado de US\$ 150,000.00/ano.

i) Também seria apropriado o estudo de uma apólice de Riscos Operacionais, não obstante tais apólices serem mais indicadas e comercializadas em nosso mercado segurador, para riscos industriais.

As apólices de Riscos Operacionais, tem como características a cobertura de todos os riscos, exceto os excluídos, diferente das tradicionais que são específicas para determinados riscos excluindo os demais, ou seja estariam cobertos todo risco que não estejam excluídos, podendo-se também segurar a perda de receita, dentro verba agregada a de danos material.

6 CONCLUSÕES

Nesta monografia que conclui este M. B. A., houve a oportunidade de discorrer sobre os princípios fundamentais do Gerenciamento de Riscos que são: *identificação dos riscos*, no qual fora, utilizados os métodos de *check list* e inspeção *in loco*; para *check list*, foram utilizadas as Normas da FIFA para Construção de Estádios de Futebol, o Código de Defesa do Torcedor e as inspeções que foram realizadas nas dependências do estádio do Clube Atlético Paranaense; *avaliação dos riscos*, na qual foi utilizado o conceito de probabilidade x potencialidade de riscos, resultando em uma matriz de grau de exposições, classificando-os de baixo a muito alto, em uma visão de exposição para o ser humano (pessoas); perda financeira (danos materiais); e de imagem para o clube. No *tratamento dos riscos*, através da prevenção com a eliminação ou redução, aplicam-se medidas mitigatórias, constantes neste trabalho, ou, ainda, através do financiamento dos riscos, com a auto-adoção, auto-seguro ou seguro, que também constam deste trabalho e poderão servir para estudo e aplicação.

Houve a oportunidade também de estar em contato com os mais renomados autores, professores e conhecedores da gerência de risco, não só na elaboração desta monografia como também no decorrer do M. B. A.

Nas inspeções *in loco* foi possível vivenciar dos subsolos às coberturas de um estádio de futebol, aonde vimos, dentro de sua grandiosidade, seus maiores e menores riscos, talvez não na sua totalidade, pois este não foi nosso maior propósito, mas, sim, exercitar os conceitos do Gerenciamento de Risco.

Como verificado, o conceito de risco é bastante abrangente e também muitas vezes subjetivo, mas quando se passa a enfocá-lo com a visão de sua identificação, avaliação e tratamento, sua subjetividade caminha para um objetivo comum, que é a obtenção de maior segurança e qualidade deste lazer.

Espera-se que este trabalho venha a contribuir para o gerenciamento de riscos em sua conceituação prática e em especial para os estádios de futebol, que são

carentes desta abordagem e, em algumas ocasiões, pólos de tragédias que muitas vezes poderiam ser evitadas com uma simples ação de gerenciamento.

Desta maneira,dá-se como iniciado um estudo de gerenciamento de risco para um estádio de futebol, uma vez que o gerenciamento de risco é algo dinâmico, pois a todo momento surgem riscos novos, assim como novas técnicas para tratá-los, mas propõe-se que seja também um inventivo e que surjam outros trabalhos de Gerenciamento de Riscos em estádios de futebol.

REFERÊNCIAS

ARENA. **Arena**. Curitiba: CREA/PR, 2000.

ATLÉTICO PARANAENSE. **Atlético atende a maioria das exigências do estatuto do torcedor**. Disponível em: <http://www.atletico.soccerage.com>> Acesso: 10 junho 2003.

BULGACOV, Serio. **Métodos e técnicas de pesquisa e projetos técnicos**. Curitiba, 2002. (Apostila do Curso).

CICCO, Francesco M. G. A. F. de. **Técnicas modernas de gerência de riscos**. São Paulo: IBGR, 1985.

FIFA. **Normas gerais de segurança e comodidade em um estádio de futebol**. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.com.br>> Acesso em 20 maio 2003.

HOPE, Warren T. **Introdução ao gerenciamento de riscos**. Tradução de Gustavo Adolfo Araújo Caldas. Rio de Janeiro: Funenseg, 2002.

LÚDKE; ANDRÉ apud DA LUZ, Araci Asinelli; DA LUZ, Gastão Octávio Franco da Luz. **Manual de iniciação à pesquisa**. Curitiba, 1999.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Carta de Brasília: Recomendações para a formulação e implementação de uma política nacional de prevenção da violência e segurança nos estádios**. Disponível em: <<http://www.met.gov.br>> Acesso: 3 junho 2003.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Acidentes em estádio aumentaram no pós-guerra**. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br>> Acesso: 27 abril 2003.

SANTOS, Amaro dos. **Fundamentos sobre gerenciamento de riscos**. Curitiba: UFPR, 2003. (Apostila do Curso MBA)

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SUBSTITUTIVO AO PL N.º 7.262, de 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ/ FUNSEG (Fundação Escola Nacional de Seguros). **Análise de riscos: consultoria de riscos**. Curitiba: MBA, 2003.

VAUGHAN, J., ELLIOT, Curtis M. **Fundamentals of risk and insurance**. Tradução de Francisco de Assis Braga. New York: John Wjby 1976, p. 2-15.

WILLIAMS, JR; SMITH, M. YOUNG, P. **Risk management and insurance.** 8 ed.
S. l.: Irwin Mcgraw-Hill, s.d.

ANEXOS

- 1- RECOMENDACIONES TÉCNICAS Y REQUISITOS PARA LA CONSTRUCCIÓN O MODERNIZACCIÓN DE ESTADIOS DE FÚTBOL.**

- 2- SUBSTITUTIVO AO PL Nº 7.262, DE 2002: DISPÕE SOBRE O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**